

Est. 7
Prat. 4
Vol. II
Nº 1856
Sala



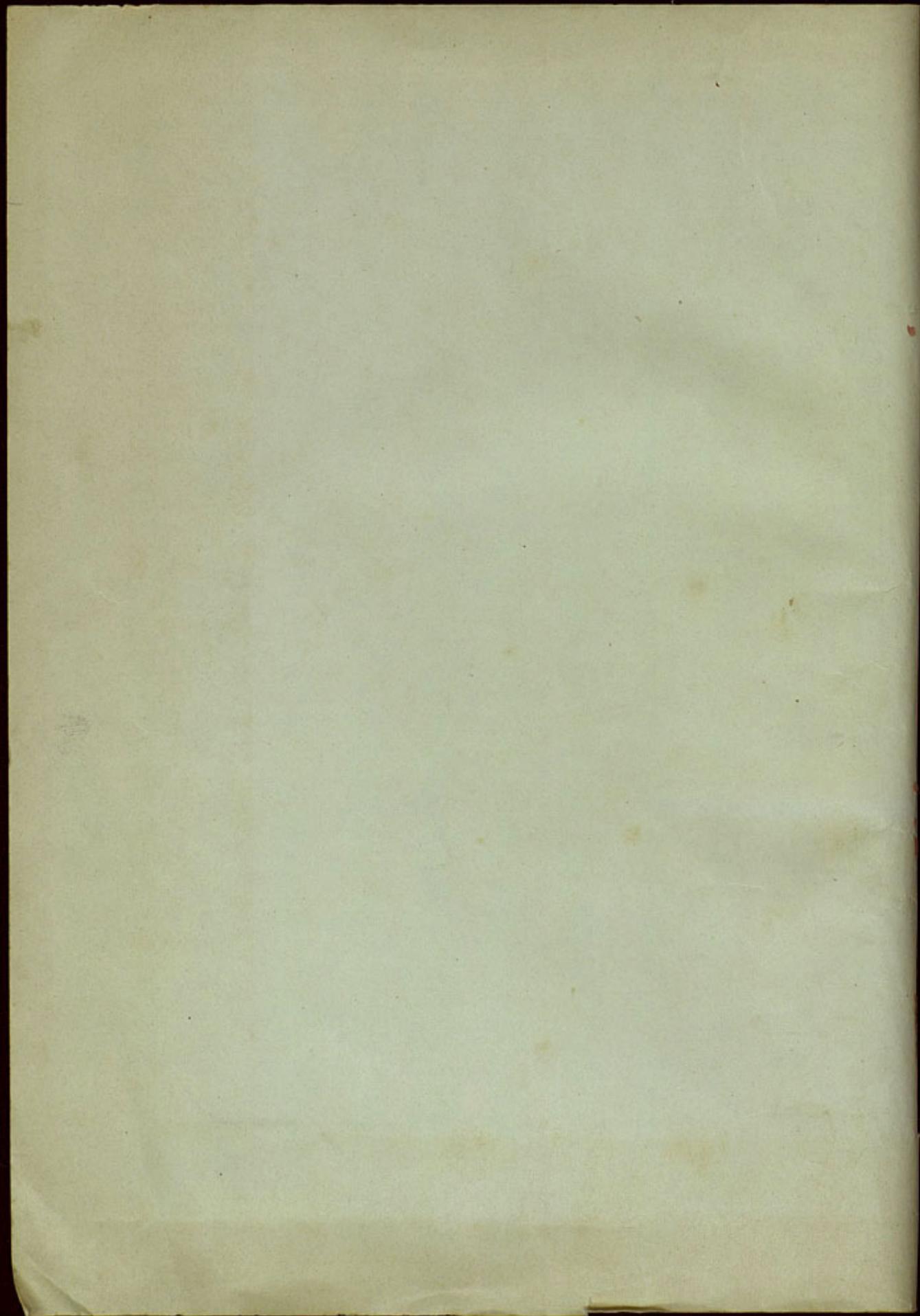
OCTAVIANO SÁ
COIMBRA

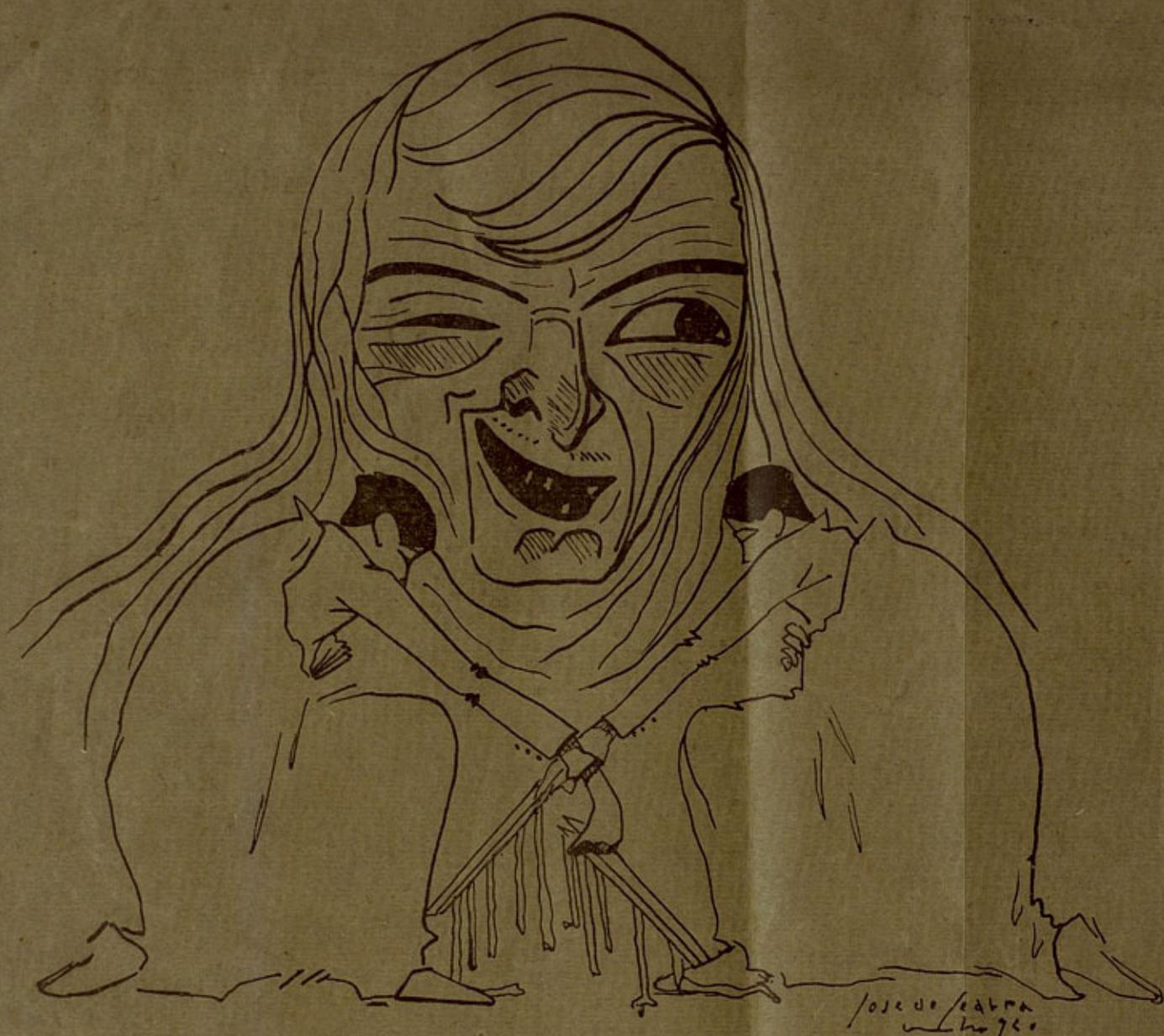
Sala
Gab. O.S.
Est.
Tab. 606
N.º

O.S.

606

606





Quiz o artista figurar-nos a **Crítica** vesga do olho direito!

O que não será o esquerdo?

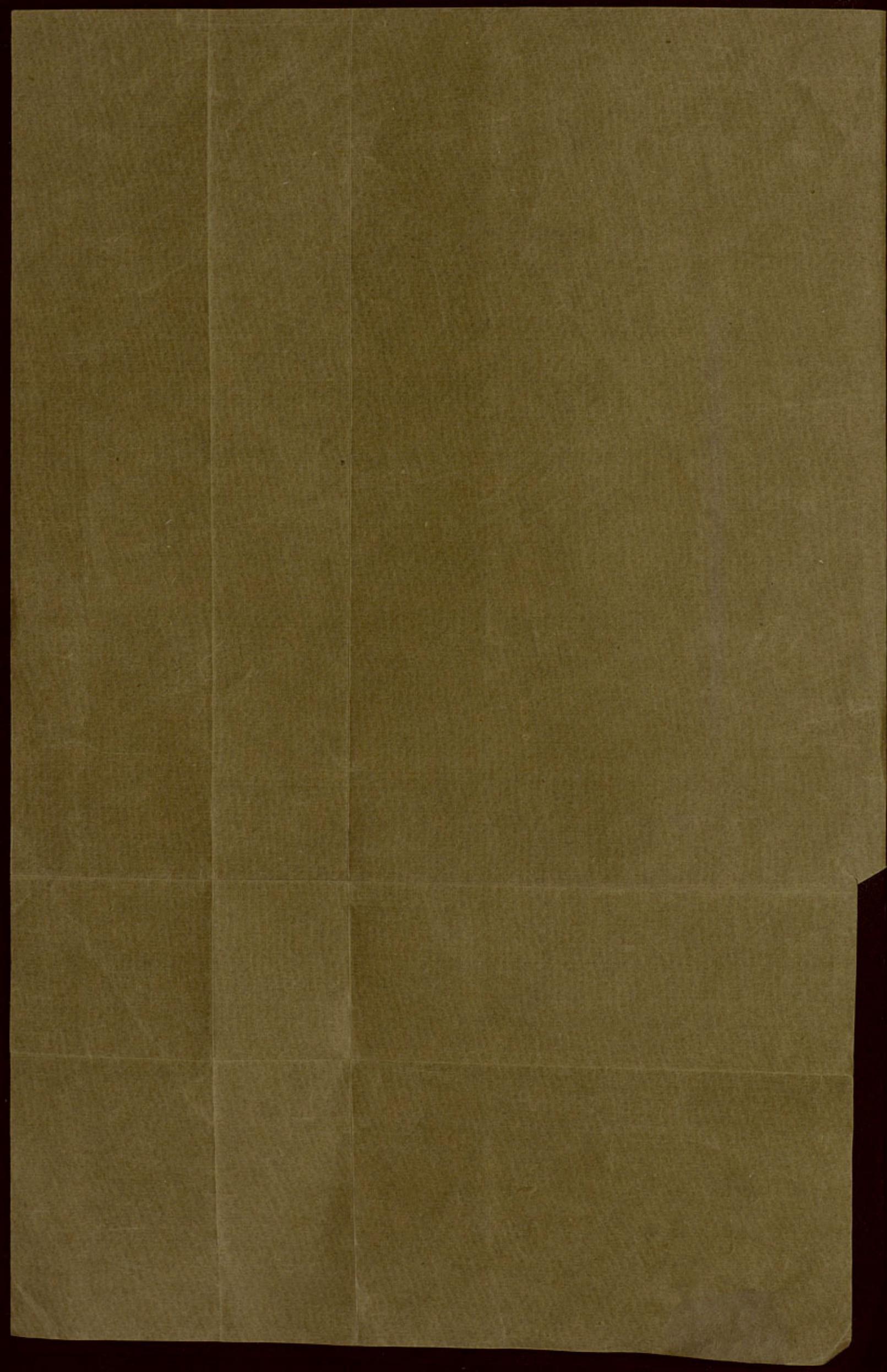
“Sinistrum!!”

Sob estes fatídicos auspícios, e sob o seticismo duma Academia apaixonada, vimo-nos num círculo vicioso: — aguardar a colaboração franca, que os credos políticos tornaram reservada, ou lançar um exemplar mostrando a orientação inicial, — ela aí está lealmente exposta. Não serve para meninos, porque é própria de rapazes. Tem um director, para os efeitos da lei, e porque a sua energia e dedicação era a melhor garantia de exito.

Como jornal, defende os interêsses academicos; como revista, é um campo de exercícius intelectuais, onde todos podem e devem exercitar-se. A orientação a dar-lhe será resolvida em “reunião dos colaboradores, todas as quarta-feiras às 16 horas, em sala própria na Associação Académica.

E assim cumpre esta Associação mais um dever: fazer reclame á **Mentalidade Académica**.

Na Associação Académica e na Pastelaria Central existem caixas para receber a colaboração.



A TRADIÇÃO

PRÓ-PÁTRIA



PRÓ-RAÇA

DIRECTOR E EDITOR : : : :

CAMILO VALENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Associação Académica - Coimbra

Número especimen

: **7 de Março de 1920** :

Composto e impresso na CASA

TIPOGRÁFICA de Alves &

Mourão, Adro de Cima, 10, 11

e 12 — COIMBRA : : : :

Excelentissimo Senhor Ministro da Instrucção

Há um ano, numa árdua luta, procurámos realisar as condições necessárias para que esta Associação seja o templo, onde a alma académica, comungando no mesmo ideal de Amor se fortaleça, e se erga unguida pelas qualidades viris da raça à altura das suas Tradições.

Lutamos e lutaremos, Sr. Ministro, porque a Pátria nos concita. A mesma voz que levou a mocidade-escolar aos campos da Flandres na defesa do Direito e da Justiça, a mesma nos chama nesta hora de angústias.

Deram-lhe alguns — herois — o sangue, a vida, e todos hemos de dar-lhe o esforço do nosso pensamento; carecemos, pois, de exercício, de disciplina: — Dar realidade às nossas aspirações, animando-nos a novos cometimentos, instruindo-nos no trabalho e nas responsabilidades por uma acção constante, eis, Sr. Ministro, — o exercício; dar uma ordem aos nossos pensamentos, dando a todos o mesmo objectivo, *a gloria da Raça, o bem estar da Pátria*, eis, Sr. Ministro, — a disciplina.

Há um ano tentámos organizar-nos, e nesta longa jornada empenhámos as nossas capas — o que temos de mais honrado — mas, sentimos já, que os joelhos se nos dobram, nem sabemos se para implorar, se para beijar o solo da Pátria e rolarmos no chão, como o heroi de Alfarrobeira.

Sr. Ministro: esta fôlha académica será a trompa dondo os clamores da Academia ecôem, e junto de V. Ex.^a deponham as nossas aspirações; para agradecer aqueles que para nós voltam o seu olhar de intelligência, decerto, porque é das nossas tradições a gratidão, se bem que nelas haja a desafronta também.

A Academia sente-se oprimida, vexada pelo desprezo em que a lançam aqueles que nela deviam olhar o Futuro, a Esperança.

Somos a adolescência da sociedade, nós o reconhecemos, nem política nem religião nos preocupa, mas sim a nossa educação, a cultura das energias moça que são a base duma Pátria maior.

E' necessário, absolutamente necessário, que das Universidades saiam homens capazes de defrontar os problemas que antolham a vida da nação, e só para os resolver aqui andamos.

Nenhuma sociedade poderá progredir sem instrução — Instrução e Progresso, são uma e a mesma coisa — e em Portugal não há instrução!

Instrução, é um conjunto de conhecimentos para a resolução de certos problemas: Em alguns importam-se as soluções, a instrução não se revela; noutros, os problemas sociais, falta-nos a condição principal — o character.

E' para realizar esta condição que pedimos, Sr. Ministro, e para formular e justificar os pedidos, publicamos esta fôlha que, com subida honra e os maiores respeitos, depomos em vossas mãos.

Coimbra, 6 de Março de 1920.

ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DE COIMBRA

Douto Senado:

Jornal académico, curva-se numa reverência cheia daquele respeito que todo o aluno deve a seus Mestres. Mas a tradição mostra uma pontinha de irreverência, rasão da sua vida, motivo da sua história gloriosa e grande, que nasce para além de Camões e vem, subtil, atraz de nós, a segredar-nos: — sois rapazes.

Rapazes que pretendem integrar as qualidades sublimes que fizeram da raça um povo de herois, que foi grande e que maior será, no dia em que conjugar os seus interêsses.

E' essa a nossa tendência.

São intuitos nossos lutar pelo engrandecimento desta Universidade e, por isso, pedimos a colaboração do Senado.

A Universidade não é o Senado apenas, somos Nós também.

A Academia tem direitos nesta terra de lendas que só ela fez grande, direitos ofendidos por Vós, que maiores deveres tinheis de lhos defender.

E' dever nosso dizer-Vos, desde já, que por eles pugnamos; e, na luta, douto Senado, não sois os mestres a quem devemos respeito: — sois uma entidade cuja ambição, por ventura desmedida, interessa os nossos direitos, que em nome das Tradições e da Pátria, por todos os meios defendemos.

Somos o arauto dessa vontade, que junto dos Poderes Públicos soube fazer-se ouvir, pela fé inquebrantável nos destinos da Raça.

.....
Aqui deixamos os cumprimentos mais respeitosos dos académicos que pensam e querem: — que pensam, que a união faz a força e que a força é a Vida; que querem, uma Academia grande, altiva e nobre, unida, muito unida e forte; bem digna das suas Tradições.

À ACADEMIA

Em todos os tempos, o espírito de solidariedade, de coesão e de camaradagem, tem sido o grande elemento criador de honrosas e legítimas tradições para a Academia de Coimbra — tradições de que vivemos, em reminiscências de saúde, quando o espírito e a vida de épocas já recuadas nos retem.

Até nós, chegam ecos vivos de gerações passadas, reflexos bem vindos duma vivacidade simpática, dum *elan* meio rebelde, meio trocista, que representa, ainda agora, o período clássico da Academia Coimbrã. Vivemos horas de sonho à custa de *blanqueurs* da velha guarda.

Qual de nós não experimenta deleite espiritual ao evocar os episódios alegres dos nossos colegas antecessores?

A vida actual, alimentando-se duma outra vida, encontra no passado exemplos de esentivo e de bonomia.

Mercê, porém, de vícios da última hora, assazmente verificados e por demais conhecidos, surgiu — por culpa nossa — um lamentável amolecimento na vibratilidade dos nossos sentimentos, chegando-se, por vezes, a rivalidades que magoam, a antagonismos que não se justificam.

E, no entanto, não seria difícil repôr as coisas no devido lugar, eliminando já, numa bem compreendida consciência do mal, os motivos de incompatibilidade que nos enfraquecem e nos amesquinham.

A culpa, sendo de todos, parece não ser de ninguém. E' que, a génese dos defeitos pode ser tão misteriosa como a génese das virtudes.

Uma vibração, um sentimento, a própria atmosfera... tudo isso é, ou pode ser, a causa primeira de uma atitude cujo significado fica incerto e cuja origem permanece desconhecida. Mais tarde... mais tarde, apreciam-se os efeitos.

Assim terá, provavelmente, acontecido connosco.

Que sejam remotas ou recentes as causas do enfraquecimento actual da harmonia académica, pouco isso deve interessar-nos agora, se, de facto, desejamos reentrar no bom caminho, procurando o indispensável equilíbrio de valores para a reconstituição da força que a Academia de Coimbra pode e deve representar.

Estamos muito a tempo de remediar tudo.

Reatemus, portanto, as nossas legítimas tradições de boa camaradagem, dei-

xando vaidades insubsistentes e intolerâncias apaixonadas, e da nossa mútua correcção sairá, espontaneamente, a uniformidade do nosso objectivo.

Nada custa a experiência.

A. A. CAPÉLA E SILVA



A que vimos

Há bastante tempo que vinhamos pensando na necessidade de proporcionar aos nossos colegas a ocasião de manifestarem as suas aptidões literárias, trazendo a público o produto das suas inteligencias, iniciando-se, desta sorte, para a luta que, por certo, encontrarão na sua carreira, qualquer que ela seja. E, reconhecendo esta necessidade, começamos de cogitar qual o meio mais adequado para se alcançar a sua satisfação.

As condições do meio, do lugar e do tempo não davam margem a que, de pronto, pudéssemos efectivar o nosso desejo. Mas agora, que a Academia está empenhada na solução de problemas de grande importância e nos quais põe todo o seu empenho, pois que se trata do seu interesse moral e material, que sempre, em todas as gerações académicas, foi defendido com honra e brio, agora, dizemos, achamos propício o momento para fazer aparecer *A Tradição*, que se propõe pugnar pelos interesses materiais e morais da Academia, proporcionando a todos os estudantes o revelarem-nos quanto pode a sua mentalidade, já na defesa daqueles interesses, já no campo puramente literário.

Não é, pois, *A Tradição* um jornal, no sentido vulgar da palavra e não é também uma revista literária com pretensões a emparceirar ao lado de magazines já formados e de nome feito por muitos anos de publicação. Nem jornal, nem revista; mas um mixto, em que todos nós, estudantes, com os ideais políticos que tivermos e com as crenças religiosas que nos fortaleçam, possamos colaborar. Não se prestará *A Tradição* a polémicas sobre estes dois assuntos, mas, na sua parte literária, poderão expôr-se questões de Direito Político e geral, e cantar-se hinos à religião, contando que neles brilhem isenção de faccio-

sismos e revistam forma literario-científica. Só assim!

A Academia vai ter n'A *Tradição* o porta-voz dos seus desejos e aspirações, e se conseguir dos nossos colegas, que assim o acolham e auxiliem com a sua colaboração inteligente, e conselhos eficazes e de rápida realização, teremos conseguido o nosso desideratum e dar-nos hemos por devidamente compensados dos nossos trabalhos e incómodos.

A *Tradição*, pelo que fica dito, não é nossa, mas de toda a Academia, a quem, no seu primeiro número, cumprimenta fraternalmente, abrindo francamente as suas portas a todos, sem distinção.



Ao cair das folhas

Cai nos meus olhos uma noite morta
— Os meus olhos ninguém os contemplou! —
Outono! Anda beijá-los, que te importa
Que eu seja um pobrezinho como sou!

Outono! anda cantar-me em despedida
Essas canções que tu sabes cantar
Aquels que partem para uma outra vida
Com toda a luz do sol inda no olhar.

O' meu Outono! O' mês das romarias
Prós cemitérios; véde!
Anda rezar comigo Avé-Marias,
Com o teu pranto vem matar-me a sede.

O' meu Outono de melancolia!
Debruça-te em meus olhos: são dois mares
De tristeza e de amor, ao fim do dia,
Em horas crepusculares!

O' meu Outono dos saudosos meses,
Dos dias tristes como um ceu profundo!
O' olhos rasos d'água! ó portugueses!
Como vós ninguém chora neste mundo.

Meu Outono! anda o mar junto aos escolhos,
Mas um mar todo feito de sandades,
Um mar como o que eu trago nos meus olhos
Quando dobram os sinos às Trindades.

Meu amor d'olhos grandes como luas
Quero te agora bem ao pé de mim.
Outono! Aperta as minhas mãos nas tuas,
Quem sabe se está perto o nosso fim....

Não se ouve nem um grito, nem um canto
Anoiteceu, a chuva vem aí...
E nos teus olhos cheios de quebranto
Anda uma luz que eu nunca conheci.

Meu amor! meu amor! temos as mãos geladas,
No lar antigo o fogo já não arde.
Vamos cantar ao longo das estradas
Como ceguinhos ao cair da tarde...

Quero-te mais agora, meu Amor!
Olha a penumbra como vai morrendo
E como vai murchando cada flor
E os nossos olhos vão entristecendo.

O' meu amor! a noite cai lá fóra
Deixa-a cair também dentro de nós,
Que o silêncio da noite, p'ra quem chora,
E' ainda neste mundo a melhor voz.

Pela noitinha, quando os lírios roxos
Dobram as hastes para adormecer,
Os teus soluços tornam-se mais frouxos,
Como no Outono as fontes a correr.

Ao fim do dia, em horas como esta,
Ouço sinos dobrarem por alguém...
Meu amor! meu amor! dia de festa
E estou em minha casa sem ninguém!

O' tardes! vós sois minhas como as fontes
Das avezinhas que lá vão beber
E como dos poetas são os horizontes
E como Deus é de quem vai morrer.

O' meu país das fontes milagrosas
Que dão fala e dão vista aos pobrezinhos,
Meu País, meu País cheio de rosas
A penderem das bordas dos caminhos!

O' meu País das brancas açucenas!
Aquela que eu amei onde é que existe?
A que eu amei em tardes de novenas,
Aquela por quem eu fiquei mais triste.

Aquela por quem eu ceguei meus olhos
De encontro à grande luz do seu olhar,
Aquela por quem eu fui de giolhos
Depôr as minhas mãos sôbre um altar.

Aquela por quem eu fiz mil promessas,
Aquela que num sonho m'as roubou,
Aquela a quem eu disse: — «não te esqueças»
E se esqueceu de mim e não voltou!

Casa da Barroca — Amarante, 1918.

ALFREDO BROCHADO.

Oração

Bemditas sejam as fontes
Solitárias, nos caminhos:
Onde bebem quando passam,
As bocas dos pobresinhos.

Bemditas sejam as teias
Que dão o linho sagrado
Onde em Sexta-Feira-Santa
Vai Jesus amortalhado.

Bemditas sejam as almas
Que dão conforto à Desgraça!
; Bemditas sejam! ; Que Deus
As cubra da Sua Graça!

Bem dita seja a pobreza
Que não desonra ninguém...
A Mãe de Deus era pobre,
; Seu filho pobre também!

Bem dita seja a candeia
De azeite, que me alumia.
Bem ditos sejam os olhos
; Que me dão a luz do dia!

Bem dito seja e louvado
O Santo Nome de Deus.
; Bem dito seja na Terra!
; Bem dito seja nos Céus!

Coimbra, 1920.

FERNANDES MARTINS

Dor-Amor

Todos os nossos beijos foram vãos;
Do que dissemos nada escutou Deus;
Meus olhos maguados e cristãos
Cegaram de chorar os olhos teus!

Oh! minha dôr — amor! As tuas mãos,
Para que eu as beijei... (Assim!) Agora...
adeus!

— Partem-se os nossos corações irmãos;
— O meu pr'á Vida; o teu pr'á luz dos Céus!

O meu amor, baixinho confessado
Em silêncios e dores, como um pecado
Tinha o casto perfume duma flôr...

Passou por êle a Sorte, e, uma a uma,
Foram tombando as pétalas de espuma,
E delas só ficou a nossa dôr!

Coimbra, 1918.

ANTÓNIO DE PORTUGALE.

Soneto

Branca magnólia perfumada e aberta,
inda uma vela sôbre o mar se avista:
é o meu sonho que vai para a conquista
da glória vã que ao meu olhar se oferta.

Lá vai ao longe na extensão deserta
a se sumir, a se perder de vista,
já sob um cen de prata e de ametista
a minha Caravela toda incerta...

Define-se um poente moribundo:
e então o sol, artista vagabundo,
borda de lume a vela do navio.

E o sonho da ilusão, meu sonho amargo,
foi perder-se no oceano fundo e largo
que dos meus olhos derivou em rio.

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO.

O Precoce!

Episódio dramático

Num velho salão adormecido e triste D. Rosa, a mãe de duas creancinhas que ao seu lado estão debruçadas sôbre um livro, tem uma carta nas mãos e olha pela janela aberta os montes onde a tarde cai devagar.

1.ª criancinha, lendo mal:

Andava um dia em pequenino
Nos arredores de Nazaret
O Deus menino, o bom Jesus.

A mãe continua absorta, os olhos perdidos num grande clarão de incêndio que o sol deixa atraz de si, ao despedir-se no Poente...

2.ª criancinha, lendo mal:

Eis senão quando
Vê num silvado...

D. Rosa, agora vindo a si: onde ides, meus filhos, onde ides; eu nem dei pela vossa leitura de tão alheada que estava. Vamos lá...

1.ª criancinha: — Em que estavas a pensar, mãe?

2.ª criancinha, fechando o livro: — Era no que dizia a carta?

A mãe, num suspiro: — Em nada, vamos lá continuar a lêr; abri o livro onde tínhamos ficado quando entrou João.

As duas creancinhas continuam a lêr, guiadas pela mãe que de vez em quando se perde da leitura e, sem saber, diz ao acaso palavras sem sentido.

D. Rosa: — Que perfume vem dos campos.

1.ª criancinha, deixando o livro: — Em que estavas a pensar?

Uma voz cantando ao longe:

Eu chamei-lhe meu Amôr,
Ele chamou-me sua amada!
O dia morre ao sol-pôr
P'ra nascer de madrugada!...

A mãe: — Ouves?

A 1.ª criancinha, sem se importar: — De quem é a carta?

A mãe: — Do tio Jorge.

1.ª criancinha: — Vem aí?

A mãe: — Não; faz hoje anos...

1.ª criancinha: — Quem? O Tio Jorge?

A mãe: — Não! que...

E, querendo disfarçar as lágrimas: — Olha: sabes que dia é amanhã?

1.ª criancinha: — Sei, é terça feira.

A mãe: — Não, não é isso, quero dizer se te recordas!... Ah! Tens razão, tu eras tão pequenino... como te has-de lembrar!...

A mãe, beijando-o na testa: — Ouves aquele canto?

A mesma voz, ao longe, repetindo:

O dia morre ao sol-Pôr
P'ra nascer de madrugada.

1.ª criancinha: — É a voz da Maria cantando no jardim.

2.ª criancinha: — Quem me dera fazer cantigas para te cantar, mãe, quando te visse triste...

Anoitece pouco a pouco; na velha sala adormecida já mal se vê. Os sinos começaram a dobrar e de fora, do jardim, vem um perfume de laranjeiras em flor... O luar da lua nova mal chega à terra de distante...

D. Rosa, para os filhos: — Vá, por hoje não se lê mais, podeis fechar o livro... e afagando-lhes as cabeças pequeninas, beija a 2.^a criancinha na testa...

A 2.^a criancinha: — Mãi! por que é que dobra aquele sino todas as tardes?

A mãe: — Para anunciar que há aulas amanhã na Universidade.

1.^a criancinha: — Quando a gente morre os sinos também dobram assim?...

A mãe: — Não; aos anjinhos os sinos dobram de contentes, vão para o Senhor!...

2.^a criancinha: — Quem me dera então morrer...

SCENA II

João entra, trazendo uma vela acêsa e diz: — A Maria manda perguntar se a senhora vai amanhã ao cemitério...

D. Rosa estremeando: — Olhe os meninos, homem. Para que falou de maneira que eles percebessem?...

João: — Minha Senhora, queira desculpar... é esta cabeça, esta cabeça de tonta que já nem sabe o que faz... Pobre de mim, pobre de mim, o que os anos fazem (quasi chorando): — Minha Senhora, o que lhe digo?

D. Rosa: — Olhe eu vou já falar com ela.

João, afastando-se: — E' por causa das flores...

D. Rosa: — Ah! Se é por causa das flores que as vá colher, que as vá colher; sempre lá ha de ir alguém levá-las.

João cerrando a porta devagarinho: — Muito boas noutes minha senhora e queira desculpar ao seu velho creado.

SCENA III

Os mesmos.

1.^a creancinha: — Para que são as flores, mamã?

D. Rosa: — Para que hão de ser, para um casamento... para cobrir a noiva quando ela sair da igreja já casada...

2.^a creancinha: — No cemitério?

A mãe: — O quê? No cemitério?

2.^a creancinha: — Sim, o João perguntou se a mamã ia ao cemitério e a mamã respondeu que colhessem as flores porque sempre lá iria alguém.

2.^a creancinha, num acesso de choro: — A mamã não nos está a dizer a verdade.

A mãe: — Oh! meu filho, que tens?

(A 2.^a creancinha começa a tossir, a tossir e a chorar).

A mãe gritando alto: — João, oh! João! traga o remedio do menino, traga o remedio...

Este entra, trazendo na mão um frasco de remedio do qual dão à 2.^a criancinha duas colheres de chá.

A mãe: — Vá! Socega meu filho. (Beijando o na testa) socega meu filho; herdaste esses nervos e o coração do teu Pai... também era assim.

2.^a criancinha: — Também era assim?

João: — O senhor Dr... Ah! Por qual-

quer coisa chorava como uma criança; estou a lembrar-me do primeiro dia em que elle foi para o colégio...

Era tão bom homem, tão bom homem; ainda parece que foi outro dia e já amanhã fazem cinco anos que elle morreu!

1.^a criancinha: — O papá?!

2.^a criancinha: — O papá?! Então o papá morreu, o papá morreu!... O papá não está lá para fóra, não foi ao Brazil ganhar dinheiro para nós?! (Tossindo e chorando) então para que nos tem enganado?... Ah! João! Só tu nos disseste a verdade... dá-me as tuas mãos.

A mãe, para o criado: — Vá, vá-se embora... também você!...

João: — E' esta cabeça, esta cabeça tonta! Mas tinha que ser; os meninos não podiam viver sempre enganados...

A mãe: — Vá, vá; deixe vê se elle adormece... (Ao longe o sino continua a dobrar).

A mãe: — Vá, meu pequenino triste, faze por dormir (encosta-lhe a cabeça ao regaço e canta baixinho, enquanto elle soluça de vez enquanto com acessos de tosse prolongados).

A mãe: — Vá, vá, então não queres adormecer?

A 1.^a criancinha: — Porque não nos disseram primeiro a verdade... que o papá tinha morrido! Ao menos tinhamos-lhe rezado as nossas orações...

2.^a criancinha: — Tenho tanto frio! Que frio, que frio! Estará a nevar?...

Maria, uma mulher de cabelos brancos, entra na sala com um cabaz cheio de flores de Inverno... e diz: — Minha senhora! Trago aqui as flores.

2.^a criancinha (extremunhada): — Para a campa do papá?

Maria (baixinho, para Mãi): — Se aquêlê sino deixasse de tocar talvez o menino adormecesse...

D. Rosa (tomando as flores nas mãos): — São tão bonitas estas flores do nosso jardim!

1.^a criancinha: — E há quanto tempo morreu o nosso Pai?

A mãe: — Vós éreis tão pequeninos! Fazia tanto frio, tanto frio, nessa tarde! Era ao pôr do sol e levantou-se um vento do sul, tão áspero e cruel que as flores morreram nas hastes como ao aproximar-a do Outono... Pobres flores que o Outono trouxe e que o Outono levou...

Ao João ninguem lhe tira da cabeça que foram elas, chorando a sua morte, que ficaram de mágua mirradinhas e tristes pendendo sôbre a terra!

1.^a criancinha (a querer lembrar-se): — Parece que ainda me recordo... Tive sempre na memória, ao entardecer, um carro muito grande, parado à nossa porta, e muitos homens de negro, sem falar, juntos naquela sala...

A mãe: — Vês? o teu irmãosinho adormeceu! falemos baixinho... (Tomando-lhe as mãos) Tem as geladas, sinto que vai adoecer... Arde em febre!

2.^a creancinha, sonhando alto: — Vou dormir com o papá esta noite... deem-me flores, muitas flores... quero cobrir o seu túmulo... Que noite tão fria para morrer... deem-me flores, deem-me flores para depôr sôbre a sua campa, ao pôr do Sol, quando as raparigas passam cantando nos montes... e há flores nas giestas dos caminhos...

A mãe, chamando-o alto: — Que tens meu filho? Estamos aqui...

A 2.^a criancinha, levantando-se do regaço da mãe e olhando para a 1.^a criancinha.

A mãe: — É' o teu irmãosinho... tão teu amigo!

A 2.^a criancinha, ouvindo o sino, pergunta: — Mãe! Quem morreu?

A mãe: — É' o sino da Universidade, já te não lembrás?

A 2.^a criancinha: — Ah! Agora quero essas flores (a mãe deixa-lhe cair as flores nas mãos; outras tombam pelo chão). Quero beijá-las (toma uma mão-cheia de flores e beija-as). Vá! ide dizer ao papá que o seu filhinho mais novo o beijou hoje quando o luar batia nas vidraças da janela.

A mãe: — Que dizes meu filho?!

A 2.^a criancinha sem ouvir: — Ide dizer-lhe que o sentimos aqui ao nosso lado, que lhe beijei as mãos, de joelhos, assim (caí de joelhos e levanta as mãos deixando tombar as flores no chão) de mãos erguidas piedosamente para lhe pagar o beijo que me deu ao morrer...

(A 1.^a criancinha cai de joelhos no chão; a mãe cai de joelhos sobre as flores que tinha no regaço; é uma profusão de flores pelo chão; a luz aos poucos vai-se extinguindo).

A 2.^a criancinha diz: — Ave-Maria, cheia de graça...

Todos, repetindo: — Ave-Maria, cheia de graça...

Fora nas tôres dão Trindades...

Na torre da Universidade ouve-se a última badalada do velho sino real que, todas as tardes, dobra por algum sonho desfeito nesta terra de Amor e de Morte...

Coimbra, Fevereiro de 1920.

ALFREDO BROCHADO.

Fontes

Ao Alfredo Brochado

Na serra choram as fontes
Meu amor, deixa-as chorar
Elas são a voz dos montes,
Pelos Montes a resar...

As fontes choram com pena,
As fontes choram saudades,
As fontes são a novena
Que a terra diz às Trindades...

Entre as almas e as fontes
Não há nenhuma diferença:
Umam choram pelos montes,
Outras choram de nascença.

Há fontes pelo caminho
Que vem de ti para mim...
; Meu amor! chora baixinho,
As fontes choram assim...

Da minha alma para a tua
Um caminho vai também:
Não tem fontes, tem a lua,
Mas a lua, fontes tem...

Pela serra às horas calmas
São irmãos sinos e fontes:
Eles choram pelas almas,
Elas choram pelos montes...

Cai-nos água pela voz
Se as falas veem do peito:
Somos fontes todos nós,
Mas cada qual em seu geito...

As fontes também namoram,
Namoram os bem-me-queres.
Se alguém as ouve elas coram,
Fazem lembrar as mulheres...

As fontes que são velhinhas
Até param de cantar
E a gente, de as vêr sequinhas,
Tem vontade de chorar.

As fontes lembram Jesus
A chorar pelos caminhos:
Ao pé delas há mais luz,
Cantam mais os passarinhos...

As fontes lembram Maria,
Lembram a Virgem também.
— ; Quem sabe? — Talvez seria
Das nossas fontes a mãe...

Choram mais penas as fontes
Se não teem fio d'água:
Já não choram pelos montes,
Fazem sua a nossa mágua...

À tardinha, meu amôr,
As fontes dobram de mágua:
Teem pena do Sol-pôr
; E choram sangue em vez d'água!

A lua que vem da serra
Faz lembrar Nossa Senhora:
Beija as sombras, beija a terra,
Beija as fontes, vai-se embora...

... E as fontes da minha aldeia
Pela noitinha a rezar
Se lhes dá a lua cheia
Solçam mais devagar...

Dezembro de 1919.

ANGELO CESAR MACHADO.

Ela

As suas falas dizem o socêgo
Que outra voz não diria assim tão bêm
E' esguia como os choupos do Mondego,
Trigueira como as Virgens de Belém.

Os seus lábios, vermelhos como sangue,
Fazem lembrar, ao longe, o Sol-poente,
Mas um sol que fugisse à tarde exangue
Para viver na sua boca ardente...

; O' meu amor trigueiro! o teu olhar
Hei-de rezá-lo às fontes, ao luar,
Hei-de rezá-lo à beira das levadas.

; O' meu amor trigueiro! ! Meu amor!
Deixa beijar-te as mãos, pelo Senhor
E por todas as almas desgraçadas.

Coimbra, Janeiro de 1920.

ANGELO CESAR MACHADO.



SPORT

O Sport de Lisboa e Bemfica

Para abrir a nossa humilde secção sportiva, noticiando nela todo o movimento atlético da Academia, desta rebelde academia coimbrã, repleta de tradições e de heroísmos, temos, e ainda bem, a noticiar, a vinda do Sport de Lisboa e Bemfica. O leitor conhece o Sport de Lisboa e Bemfica, não é verdade? É o *team* mais popular de Portugal, com uma vida admirável de propaganda sportiva e com uma história grandiosa de lutas e de esforços pelo nome de Portugal.

O capitão da Associação Académica, esse simpático rapaz que todos nós conhecemos, interessou-se, desde a época passada, pelo levantamento sportivo da academia, ampliando o seu raio de acção, movimentando o nosso meio, trazendo a esta cidade os melhores grupos da capital. O final da época passada foi o que se viu. *Matches* com o Império, e com o Internacional, com o Onze Verde e com o Foot-ball Club do Pôrto. Esta época, terminado o campeonato do centro, abre-se com os dois desafios contra o Bemfica, dois desafios que vão ser, para o *team* da Associação Académica, duas autênticas glórias.

É preciso afirmar clara e abertamente que o *team* da Associação precisa de treinar muitíssimo, mas treinar com entusiasmo, com amor, com *elan* para sustentar as suas tradições antigas e para manter, altivamente, o nome glorioso da academia coimbrã. Houve uma época em que o grupo da Associação creou uma fama esplêndida no meio sportivo nacional. O *team preto* (o *equipe* era e devia ser todo preto) conseguiu infundir, pelas suas vitórias sucessivas, um certo respeito pela combatividade dos seus homens, pela sua inergia nos ataques, pelos conhecimentos pessoais dos seus jogadores, pela sua homogeneidade, que dava o treino, e pela sua vontade de triunfar sempre. Passando em revista os capitães mais recentes, desde Filipe Mendes até ao actual, entremeando-se Borja Santos, notamos, que Augusto da Fonseca, permita-se-nos a franqueza, devia servir-se de um pouco mais de energia, obrigando os seus homens a treinar-se.

A Associação tem um bom *team*, possui bons jogadores e pode, até, treinando-se, com o pêso que possui, tornar-se um adversário perigoso e respeitável dos *teams* de Lisboa.

Os *matches* com o sport de Lisboa vão ser admiráveis e esses rapazes, serão, durante dois dias, hóspedes dos estudantes. Daqui resulta uma conclusão lógica: sendo hóspedes dos estudantes serão carinhosamente recebidos, para que lá fora, todos eles, contando aos amigos as suas impressões, possam dizer, desvanecidamente, que o acadêmico de Coimbra não perdeu ainda as

suas tradições de cavalheirismo e de hospitalidade.

A Academia, sabemo-lo de fonte segura, prepara uma recepção brilhante aos jogadores de Lisboa.

Tudo se prepara para que esses rapazes que teem sustentado, galhardamente, o nome de Portugal nos desafios internacionais, sejam óptimamente recebidos.

Estamos certos que a academia mais uma vez, saberá escrever, na sua história, uma página brilhantíssima; estamos que o seu *onze* vai sustentar, contra o antigo campeão de Portugal, uma luta admirável, cheia de inergia, de combatividade, caracterizando-se, sobretudo, pela sua jámais desmentida educação sportiva.

São dois desafios de aproximação, de amizade, de confraternização clubista, e, por consequência natural, dois *matche*, entre homens que se procuram atrair, ligados pelo mesmo ideal emancipado e belo: o rejuvenescimento físico e moral da raça portuguesa. O Sport de Lisboa e Bemfica traz homens de muitíssimo valor, de profundos conhecimentos, habituados a recontros violentos onde a astúcia e a sciência se dão amigavelmente as mãos.

A linha do Sport Lisboa e Bemfica vem fortemente constituída; traz os esplendidos jogadores Pinho, a *back*, Cândido de Oliveira e Crespo, a *half back*; Herculano Artur e Alberto Augusto o *forwards*, representantes futuros de Portugal nos *matches* internacionais. Como o leitor vê o encontro com a nossa Associação vai ser esplendido, inérgico admirável. A linha da Associação é assim constituída:

Raimundo.

Ribeiro da Costa — Nascimento.

M. de Castro — Borja — Fonseca (cap.)

Daniel — Leandro — Cunha Lisboa — Esquivel — Guimarães.

Augusto da Fonseca, o simpático capitão da nossa Associação tem sido inençável pelo levantamento sportivo da academia. Honra lhe seja feita.

TÚLIO.

Está aberto na cidade um plesbicio para saber qual é o melhor jogador de Coimbra. Até quinta feira estava ainda em primeiro lugar Afonso Guimarães, da Associação Académica.

O caso parece, à primeira vista, sem importância, mas não é.

Apelamos para os estudantes, votando conscientemente, nos nossos melhores jogadores. Se o primeiro classificado fizer parte do *team* da Associação tencionamos fazer-lhe uma espécie de biografia em sua honra.

— Espera-se a vinda a Coimbra, do *team* do Liceu Pedro Nunes, que jogará contra o *team* do Liceu desta cidade.

Ao senhor reitor do liceu que foi sempre amigo dos estudantes e que se interessa, segundo nos consta, pelo movimento sportivo académico, lembramos a necessidade da aproximação das duas academias e pedimos-lhe que se interesse pela realização deste *match* interessantíssimo. O *team* do Liceu Pedro Nunes é dos mais fortes *teams* escolares da capital.

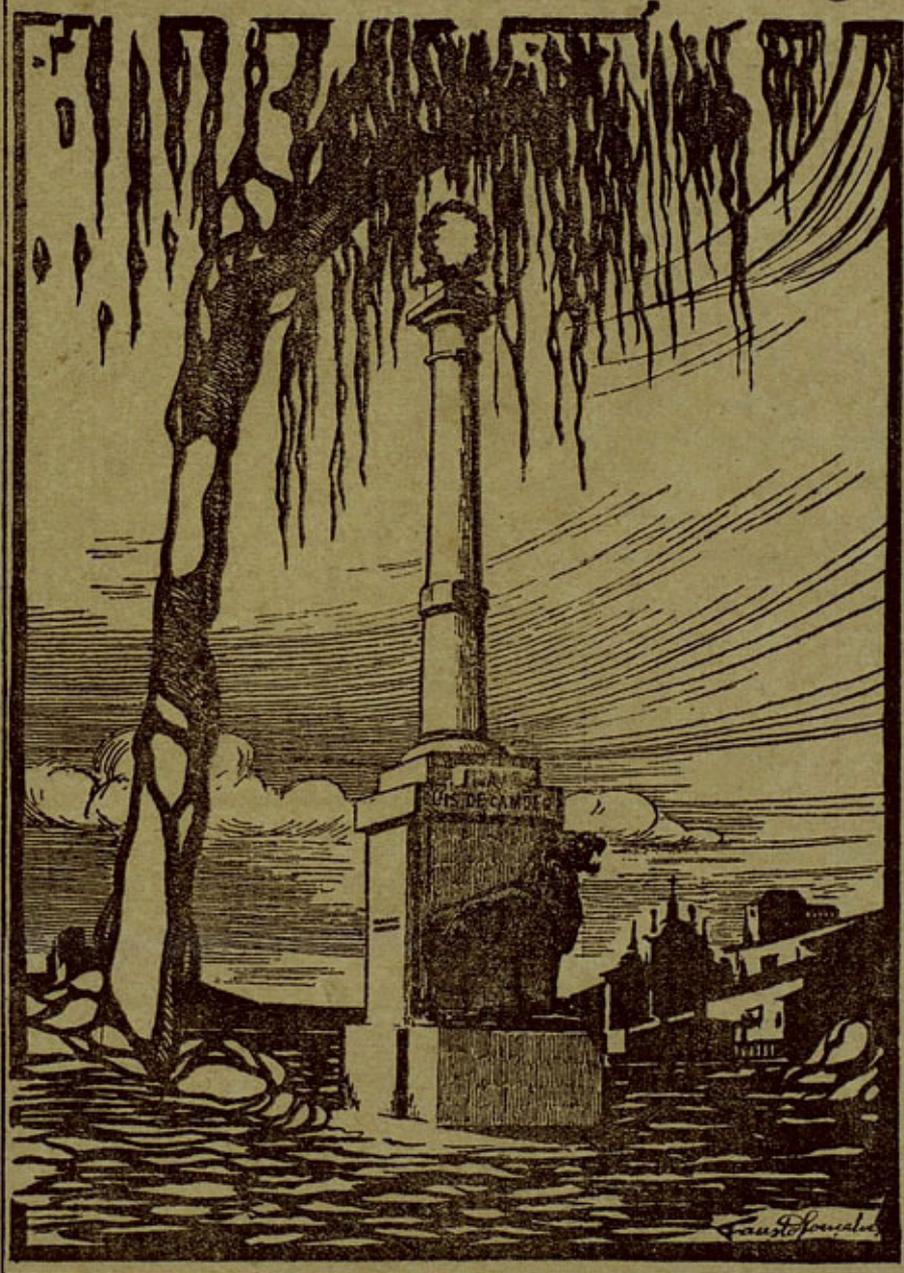
TÚLIO.

TOMO I

(1 a 5)

AGOSTO — 1920

A TRADIÇÃO



: REVISTA : ACADEMICA : COIMBRÃ :

SUMARIO

Interesses académicos:

Palavrões, factos e actos do Senado Universitário de Coimbra.

Conferências selectas:

a do Ex.^{mo} Embaixador do Brasil (Dr. Fontoura Xavier).

Paginas literarias:

*Caminho da Raça (Augusto Casimiro).
Visão (Afonso Duarte).*

Prosa e verso:

Portugal — Elogio do pão — Um boudoir

de Muller — Ante a Cruz — Pátria — Aos Desertos — Adormeci — Aças — Silêncio — A minha Voç — Idílio.

“Tradição”, e Tradições — Vida Académica.

Figuras:

Noite de guitarras — Embaixador do Brasil — Capela de São Cristovam (Sé Velha) — Dr. Domingos Pereira — Presidente da República (Dr. António J. de Almeida) — Dr. Ramada Curto — O púlpito de Santa Cruz — O 5.^o ano Jurídico — Aspectos da tourada.

A alguns, a muitos:

... o «pessimismo» — essa flor exótica que ostentam, com elegância e com artificio, os intellectuais inertes e decadentes.

... são, no fundo, «vencidos da vida», indivíduos de formação comunitária que, em vez de afrontarem galhardamente as dificuldades da vida, capitulam miseravelmente perante elas, numa abdição sem honra nem brilho.

O futuro é daqueles que fazem do trabalho próprio o pensamento e o alicerce da sua vida; que, em vez de se encostarem aos outros e de apelarem para a comunidade, fiam tudo da sua energia pessoal, da sua aptidão própria, da sua virilidade individual.

Assim falou um Lente na Sala dos Actos
Grandes em 30 de Novembro de 1918.

Sentimos orgulho na gratidão modesta e sincera: modesto e sincero é o nosso tributo — oferecendo à Direcção da Associação Académica as sanguineas que temos a honra de reproduzir em homenagem àqueles que nos deram alguma coisa mais do que palavras.

Colaboração literária:

Afonso Duarte.
Augusto Casimiro.

Adriano Fernandes de Azevedo — *Direito*.
Alfredo Brochado — *Direito*.
Américo Cortez Pinto — *Medicina*.
Angelo Cesar Machado — *Direito*.
António Portucale — *Direito*.
Fernandes Martins — *Direito*.
Horácio de Seabra — *Medicina*.

Colaboração artística:

Alberto de Sousa.
João Augusto Machado.
Abel Eliseu.

Fausto Gonçalves — *Direito*.
Joaquim Salgado — *Medicina*.
José de Seabra — *Direito*.

A edição dos números seguintes será orientada pelos académicos — Carlos Clímaco, Alves Barata e José Rodrigues.

Colaboração prometida para o próximo número dos srs. dr. Aarão de Lacerda, dr. Jaime Cortezão, João Ameal e Campos de Figueiredo.

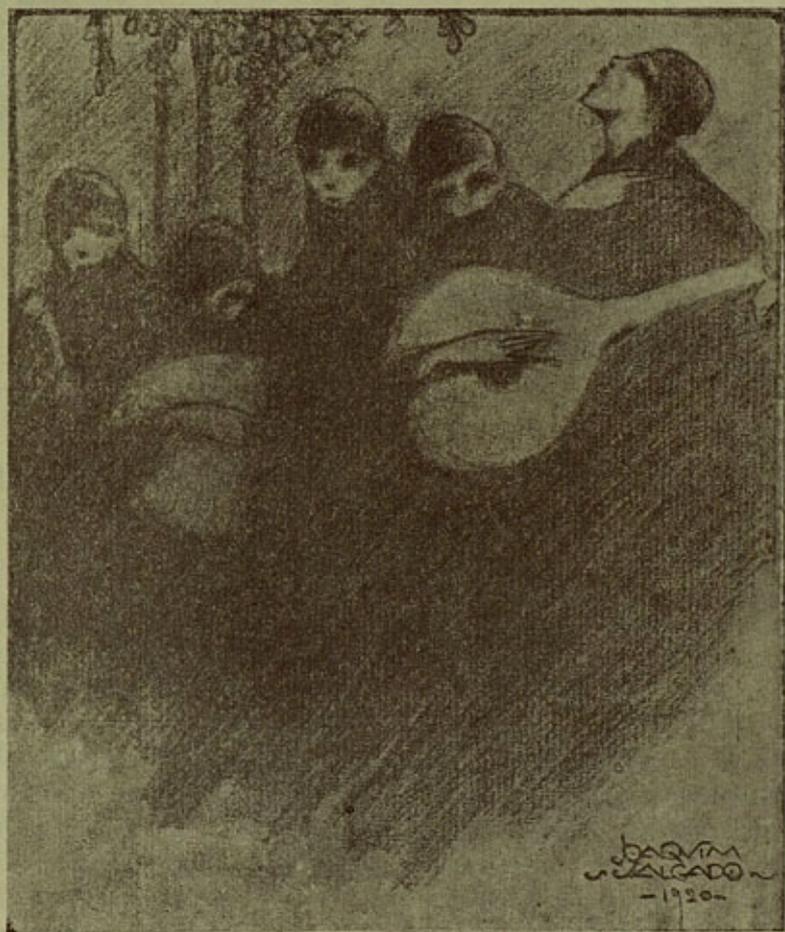
Interesses académicos: «Condições necessárias para que a Associação Académica realize a sua função educativa.

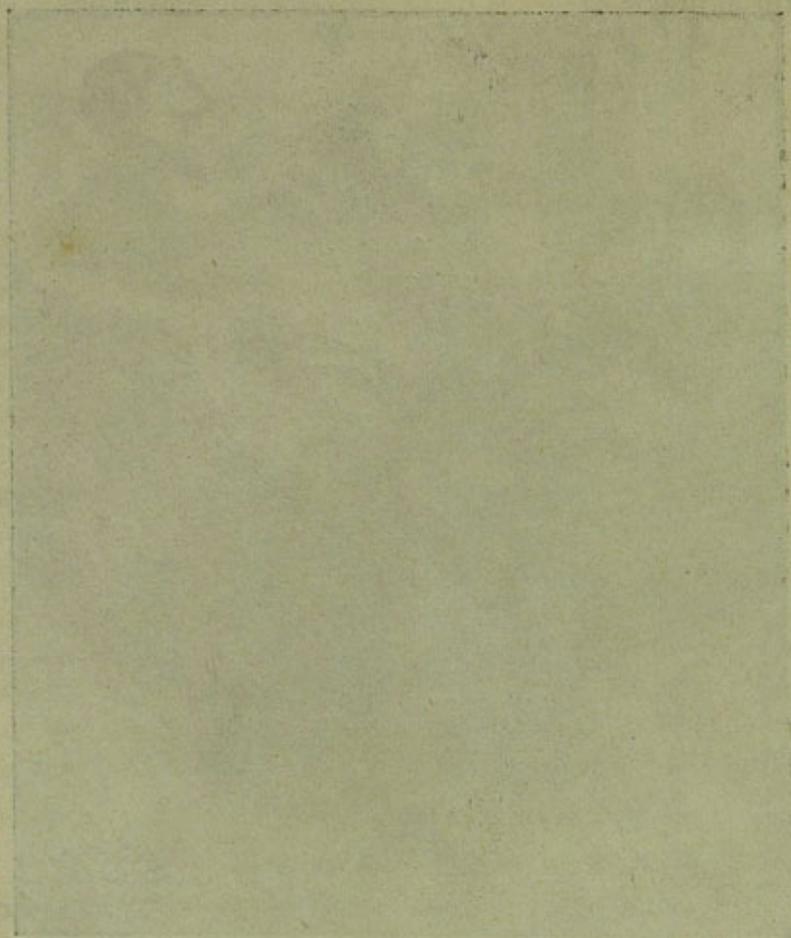
Os recibos de cobrança, serão firmados: na metropole, por José Rodrigues da Costa; no Brazil e colónias, pelos respectivos agentes.

Enderesso postal — quer para os colaboradores quer para os assinantes:

«TRADIÇÃO»
P. Central
Coimbra

Erratas: a pagina 9 é— pagina literária— e a 10 prosa e verso; a pag. 20 saiu (cruxi) por (cruci) e outras gralhas há, que a brilhante intelligencia do leitor supre.







Dir. e ed.: CAMILO VALENTE — Red.: Ass. Académica (sala própria)

Composto e impresso na Casa Tipográfica de Alves & Mourão, Adro de Cima, 10 a 12

TOMO I

INCOERÊNCIAS : FUNESTAS :

PALAVRAS: — «O grande factor de conducta é o *carácter* e não a *inteligência* e pode haver antagonismo, ou pelo menos uma falta notável de paralelismo, entre estas duas forças. O carácter mergulha as suas raízes na fonte obscura das influências afectivas e sentimentais; a inteligência bebe a sua seiva nos claros domínios das evidências racionais».

«É por meio da inteligência que o homem pensa; mas é pela acção do carácter que o homem procede».

«Não basta, pois, *instruir*; é necessário sobretudo *educar*; é necessário formar o carácter, fortalecer as crenças, apurar os sentimentos».

«O problema da educação não pode deixar de ser o problema fundamental e vital em qualquer agrupamento humano».

«E como nos encontramos num momento singularmente delicado da vida nacional, em que urge refazer a nossa educação colectiva...».

«Ao lado da liberdade de proceder, assegura-se e cultiva-se a liberdade de pensar».

«A *cultura* da personalidade e o *respeito* pela personalidade são dois princípios fundamentais na educação inglesa».

«Pode todavia parecer que, com um tão grande desenvolvimento da autonomia e da personalidade, a educação inglesa conduz facilmente ao desregramento, ao arbitrio, à desorganização».

«Não é assim, porque paralelamente com a formação da personalidade educa-se cuidadosamente o *sentimento da responsabilidade*».

«A disciplina interna, o *self-control* prepara admiravelmente o anglo-saxão para a obediência, *não para a obediência coactiva e externa, mas para a obediência voluntária, imposta pela consciência*».

«Há que reformar corajosamente a nossa educação, *mas sem nos desnacionalizarmos*; há que conservar as virtudes próprias e adquirir as alheias».

«É necessário que os pais se compenetrem da alta verdade — que não devem a seus filhos uma herança, uma fortuna feita, que só lhes devem educação, mas uma educação forte e viril, capaz de os habilitar a vencer as dificuldades da vida».

«Numa palavra: é necessário prègar a religião do trabalho. É necessário sacudir êste torpor, esta preguiça nacional, que nos envergonha e nos enfraquece».

«É indispensável que uma acção combinada e coordenada refaça toda a nossa educação».

Factos: — Em 918, representou a Associação ao Presidente que foi, Doutor Sidónio Pais, expondo as precárias circunstâncias da vida académica coimbrã, depois que o velho teatro-club foi demolido e os seus móveis tomaram rumo incerto. Pediu, e o então Presidente, sciente da justiça que nos assistia, concedeu a subvenção de 100 contos, tendo palavras que, claramente mostram ser esta verba dada à Academia e a sua aplicação por ela orientada: — *a Associação não tem talvez capacidade jurídica, mas a Universidade — o Senado — servirá para esse fim de intermediária.*

Assim ficou definida a acção do Senado perante o decreto 4.697, que jamais, fez representação alguma a favor desta Academia. Ao Sr. Dr. Mendes dos Remédios deve-se a gentil apresentação dos delegados e a defesa verbal da petição no momento em que fazia cumprimentos ao Presidente e, nada mais.

O Senado nada fez de 24 de julho de 918 a janeiro de 919, tendo todas as facilidades, o empenho mesmo, para que levantasse o capital.

¿ Procurou fazer inscrever em orçamento a verba-anuidade ?

Não. Tão sòmente o Sr. Reitor escreveu particularmente, depois de constantes pedidos da Associação, ao seu amigo Dr. Queiroz Veloso — e assim chegou janeiro; caíu a constituição sidonista; e o decreto 4.697 cristalisou — *numa bela promessa* — no dizer dum jurisconsulto e alto vulto da política.

Foi ainda, e só, a Associação que numa obra inteiramente académica e patriótica, conseguiu a atenção do ministro que era, Dr. Domingos Pereira, e devido ao zêlo de S. Ex.^a pelos interesses da academia (pela sua educação direi), reabilitou o decreto, informando o processo para a inscrição de anuidade até denegação de verba pelo ministro das finanças.

Finalmente, numa persistência quási impertinente que arrastou por Lisboa um delegado durante meses, obteve do ministério presidiado pelo Sr. Dr. Domingos Pereira, e sendo ministro das finanças o Sr. Dr. Ramada Curto, o decreto 5.659 inscrevendo a verba-anuidade — 10-3-919.

Em boa razão foi êste o diploma que nos deu os 100 contos, exígua compensação nos tempos de hoje, dos bens académicos que o Senado — a Faculdade de Letras — nos arrebatou.

Por motivos da greve finda, só em 26 de novembro de 919 ponde a Associação obter as escrituras, assinadas quando da visita de Sua Excelência o Senhor Presidente.

Sendo a verba inscrita em ordem ao decreto 4.697, sob a rúbrica *Divr.^a empréstimos à Universidade*, será o seu órgão administrativo que levanta o capital.

A 14 de janeiro do corrente, oficiou a Ass. ao Sr. Reitor pedindo o seu levantamento; que fôsse acabado o campo de jogos; que o juro lhe fôsse dado para organização do Orfeon, Tuna e Grupos-sportivos. Um delegado justificou a urgência e respeitosa e insistiu duas vezes, neste pedido, mas, não houve resposta — o Senado discutia a legalidade da Direcção !!!?

Não sabemos a que título o Senado discute a legitimidade dos corpos gerentes da Associação, nenhum preceito estatutário ou qual-

quer razão procedente a tal o habilita; demais não colheu elementos para lavrar tão vexatória sentença:—êles provavam-lhe justamente o contrário. Motivos doutra ordem levaram o homem — o lente — o Senão a proceder duma forma bem diversa daquela que aos mestres cumpre, premiando aqueles que se mostram à altura dos seus deveres, com um triste exemplo de perseguição mesquinha, altamente desmoralisadora por envolver intuítos reservados que em tudo se afirmam.

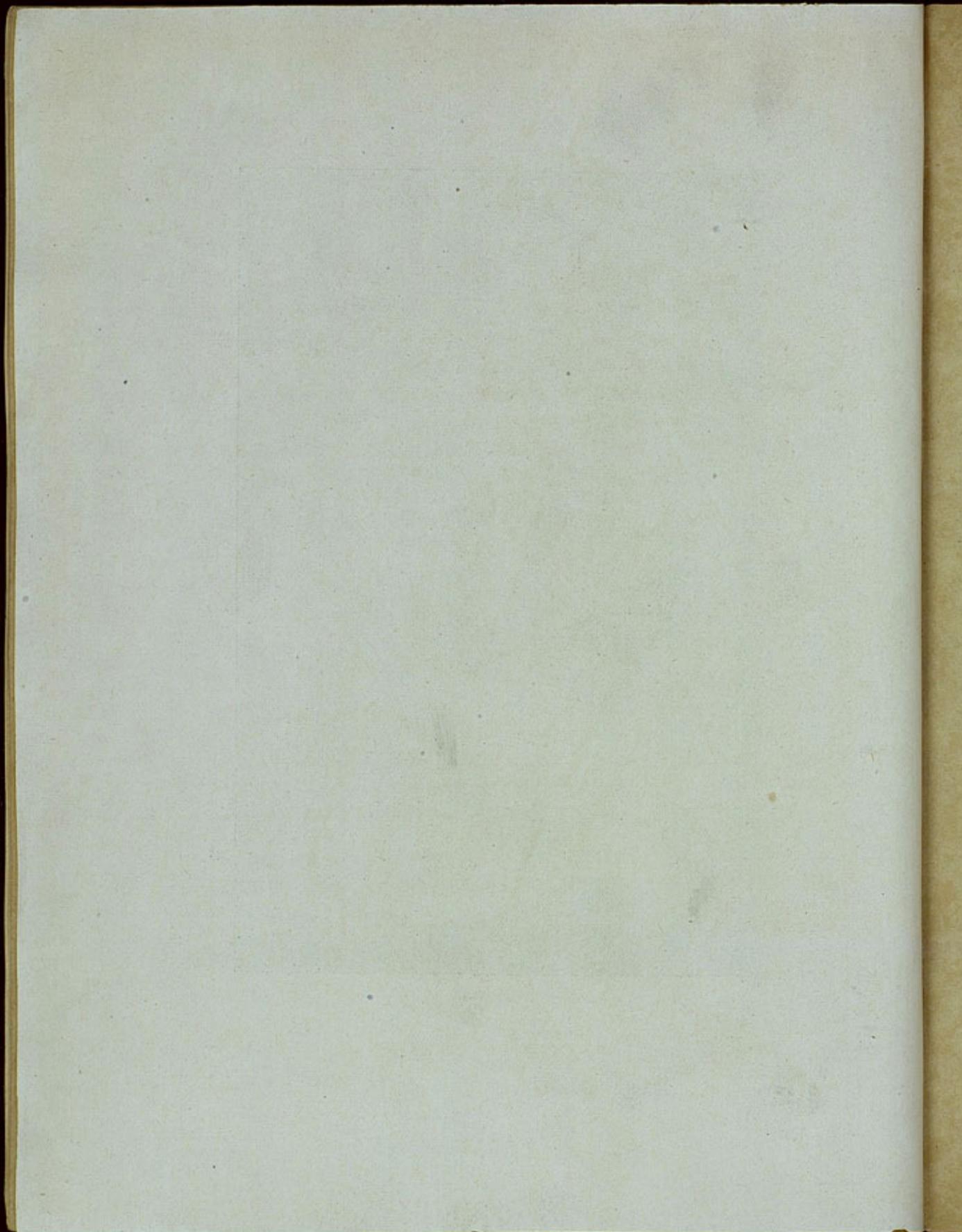
Actos: — Já hoje, eleita nova direcção (não importa que o acto eleitoral fôsse, quanto ao prazo e à entidade que o convocou, ilegal?), a comissão de *sports* officia à Assoc.; vai reparar o campo de jogos com verbas de exercício findo, cuja aplicação devia estar efectivada; a Junta Administrativa convida um delegado da Associação às suas reuniões, e faz sciente que tem ordem para levantar os 100 contos; esta, esquecendo o esforço ingente e o exemplo altivo e honesto das três gerências transactas, aceita, abdicando dêsses direitos, dessas responsabilidades, que os Senhores Dr. J. Alberto e Dr. Teixeira Bastos dizem ser o cadinho onde o carácter se forma! Para a Junta, para o Senado os académicos dum curso superior — os quási-bachareis — são uns colegiais, em que Ele se apoia nos dias de tranze para servir os seus interesses e que Ele espolia nos dias de gloria..... para servir os seus interesses.

Os Mestres abusam da sua autoridade; as suas palavras não correspondem às suas acções que são fáceis de prever nas duas forças que as determinam. — Uma apoia-se nos Poderes Públicos e desmoralisa a Universidade, outra apoia-se na Universidade e desmoralisa os Poderes Públicos.

A primeira orientada pelo sr. dr. Angelo da Fonseca, com a influência que a política lhe dá, protege um hospital com mais empregados que doentes, com mais mulheres que enfermeiras, sem serviços escolares quási; a segunda orientada pelo sr. dr. Guilherme Moreira, com a influência que a Universidade inspirada no catolicismo lhe dá, protege, numa resistência passiva, êste meio ultraconservador que, com República ou monarquia, será sempre o mesmo vivendo de um sibaritismo científico de cuja utilidade ninguém se apercebe.

Conclusão: — *Desmoralização, Desmoralização, Desmoralização*
— triângulo estratégico onde Portugal agoniza.





**Alguns aspectos da Conferencia que S. Ex.^a o
Embaixador do Brazil, Sr. Fontoura Xavier,
a convite dos estudantes, fez na salla dos
Capellos da Universidade de Coimbra, por
ocasião do anniversario da descoberta do
Brazil :**

«Ao imaginar esta palestra destinada aos meus patricios brasileiros estava longe de suppôr que seria honrado com tão illustre e selecto auditório. Dou-me os parabens, e agradeço a vossa presença porque ella é o mais bello ornamento desta celebração.

Perdoai-me fallar uma língua que não pode soar bem aos vossos ouvidos. Bem sei que ella não é a vossa. Como o espanhol e o inglês, o portugûes ressentente-se da transplantação para a América, e accusa a nodosidade das plantas que crescem de enxêrto.

... Viestes para a Universidade de Coimbra preparar-vos para a lucta pela vida, e ainda bem que o fizestes. É uma instituição mais velha do que a nossa pátria; instituição que desde o século XIV compete com as suas congéneres, algumas das quais existiam duzentos anos antes. Aprendeis portanto com professores cujos raios de acção medem-se por séculos.

Há três séculos e meio, ao poeta-Rei D. Denis prestou Camões esta homenagem pela criação da vossa Universidade :

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
o Valoroso officio de Minerva...
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva,

E não vos encontro curvados ao pêso de tanta tradição, de tanta glória.

Ex.^{mo} Sr. Reitor,
Ex.^{mos} Srs. Lentes
Srs. Estudantes da Universidade
de Coimbra:

;; Muito podem o dever da responsabilidade e a consciência do próprio valor!!

... Vós que deixastes o nosso país para fazer em Coimbra a vossa formatura tendes esta vantagem sobre os que lá ficaram: viajastes, e o Universo, segundo Stendhal, é um livro do qual se leu apenas a primeira página quando se não conhece mais que o país natal. Outra vantagem é a oportunidade que tendes de aprender o português. Esta é tanto mais importante quanto sómente o conhecimento de uma língua estrangeira assegura-nos a posse do nosso próprio idioma. Já se disse que muitos erros e enganões dos antigos philósofos provêem do facto delles não terem sabido outra língua senão a sua, e por isso confundiam o symbolo com o pensamento.

Mas se voltardes à pátria, tendes também esta desvantagem: a de não levardes para a vida prática as amizades da quadra de estudante. Muitas celebridades de hoje e de então não o teriam sido se não fôsse o auxilio dessa amizade. Por mais fortes, mais aptos que sejamos, necessitamos sempre do auxilio dos outros, e êsse é tanto mais efficaz quanto mais íntima é a força que o impelle. Os homens não se fazem por si. O *self made man*, de quem tendes noticia, é um inconsciente e um ingrato, e os ingratos abundam porque jámais se prendeu alguém por dívida de gratidão. A ingratição é um sentimento tão execrando que quasi não existe entre irracionais. Voltaire detestava os ingratos. Dizia que se devesse obrigação ao Diabo diria bem de seus cornos.

... Um contraste entre a vida animal e a vida vegetal é que nesta as excrecências que medram à sombra das árvores chamam-se cogumelos, e naquella os homens que vivem da seiva dos seus maiores passam por intellectuais. Esta espécie de preconceito ia-nos custando caro; no momento mais crítico da História tivemos os nossos destinos à mercê de uma *mediocridade cansada* pelo facto della ter medrado à sombra de um grande homem. É que dois metais da mesma côr,

dois animais da mesma espécie, madreporas e perolas, a verdade e mentira, no fundo tão differentes um do outro, são iguais na apparencia. Por isso a elevação da mediocridade a altos postos é muitas vezes o produto de um equivoco. Dizia Roosevelt que não conhecia nada mais revoltante nem mais contrario aos principios de Justiça do que dar ao preguiçoso de corpo, lerdo de espirito e rombo de carácter uma recompensa que representa um roubo feito ao mais hábil e que mais a mereceu. São máguas que calam fundo e não raro dão lugar a tragédias. Não se pode esperar que um individuo desta espécie tenha comprehensão de um momento histórico, quando essa comprehensão chega a faltar ao génio.

A data que hoje celebramos recorda uma dessas phases que escaparam à comprehensão dos coevos. Ella é a maior da nossa história. Não só é a maior da nossa história como é a maior da história das descobertas. O génio dos *Lusiadas* não se apercebeu da sua passagem. Celebrando a memória dos reis que dilataram a Fé e o Império, fixou-se de preferéncia nos varões que devastaram as terras viciosas d'África e d'Ásia... Não era no Tormentório que o Gigante de Pedra aguardava a gente ousada mais que quantas no mundo cometeram grandes cousas. O Adamastor que se desvendou ao Poeta no Oriente era um effeito de miragem da realidade no Ocidente. Se em vez de Pedro Álvares Cabral fosse Vasco da Gama que se desviasse da derrota que levava, echoariam nos *Lusiadas* os fastos e batalhas mal sangradas do povo americano agora extincto; em vez da tuba sonora que fazia arrepiar as águas ao Guadiana, vibrariam o boré e os ritos *semi-barbaros* dos Piagas, cultores de Tupan; o Prest-Jean surgiria na Terra Virgem, onde como dum throno enfim se abriram os piedosos braços da Cruz de Cristo... e Camões, como Homero, teria feito do mesmo modo a sua *Iliada*, e criado uma Mythologia.

Isso porém, se não aumentou a sua glória, não a diminuiu, como não apoucou a glória da velha Lusitania que contava então a população de Lisboa de hoje, quando avassalava o mundo, assombrando-o com seus feitos.

N'África tem marítimos assentos;
N'Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara,
E se'mais mundo houverá lá chegara.

...Sem embargos a descoberta do Brazil echoou longe no século.
Um bardo teve notícias dela em Albion, e assim a celebrou:

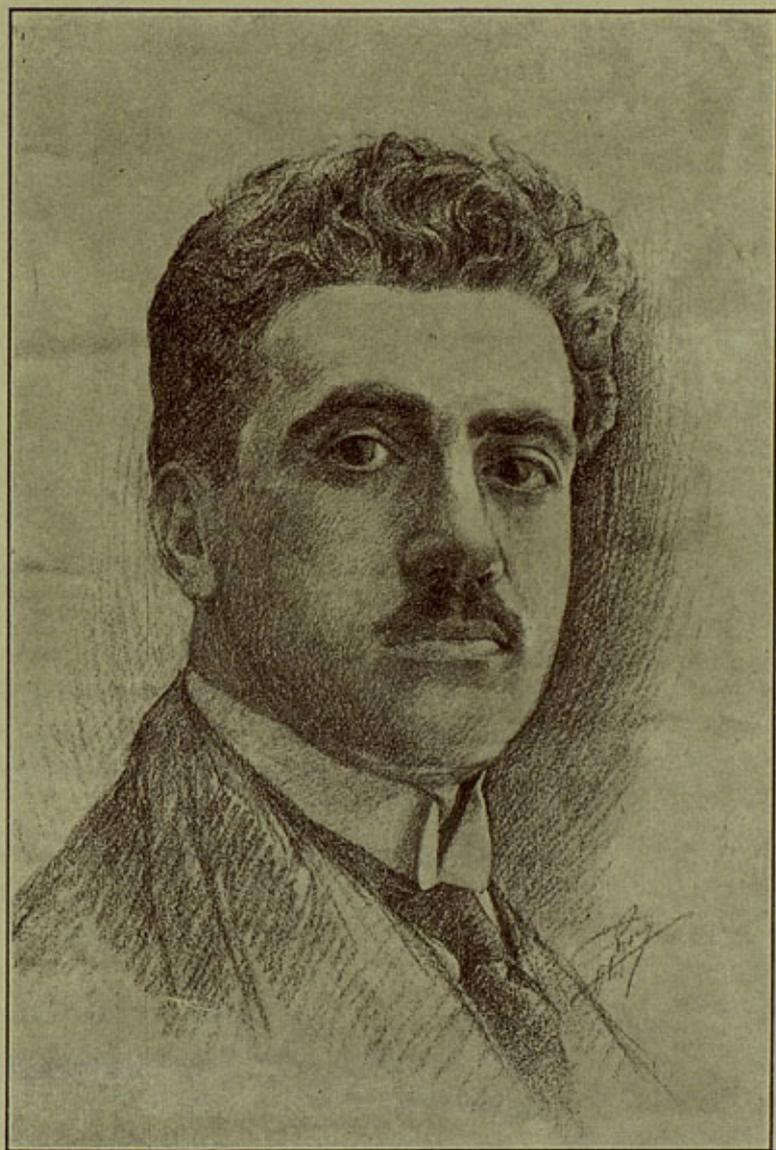
«No oceano que escarva a rocha que habitamos surgiu entre
sombas uma terra de Sol e de Repouso, e chamaram na Brazil, a ilha
dos Bemaventurados.

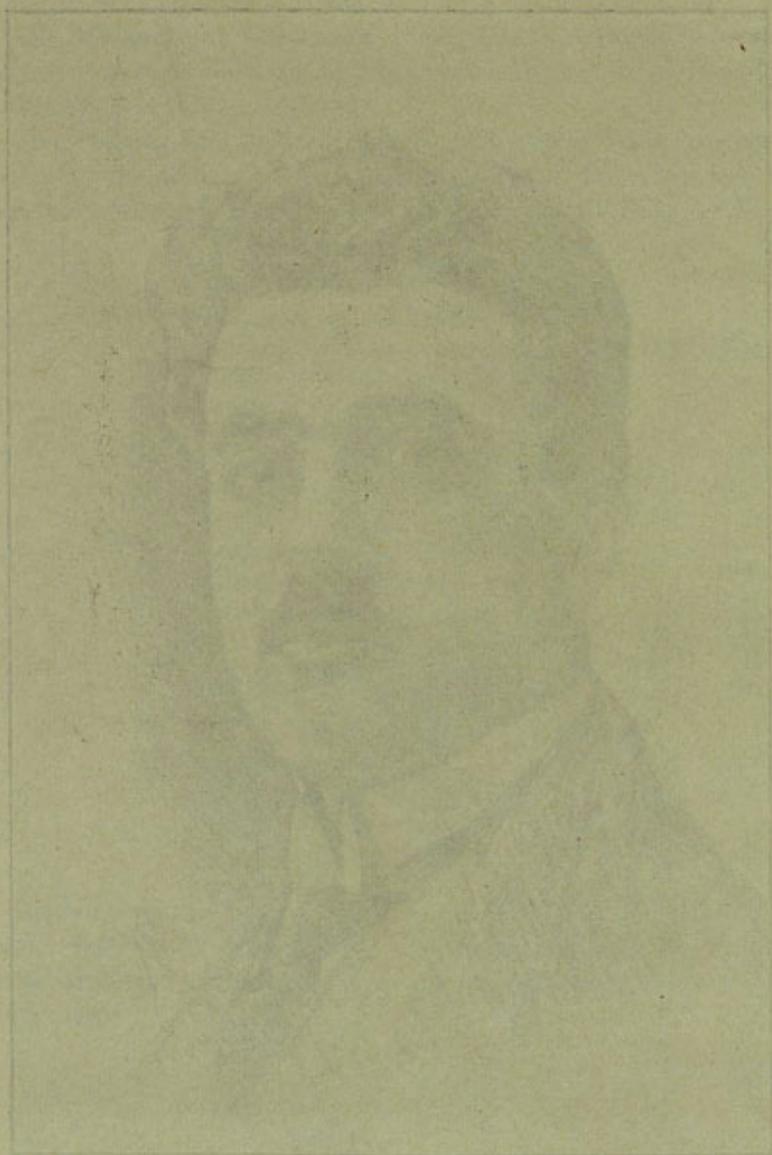
Pelo infinito azul dos mares vê-se a formosa visão que se ergue
espectralmente adoravel e indistincta; nuvens douradas revestem o
pelago onde ella jaz, e parece um Eden ao longe, muito ao longe».

Em alt^o mar, num grandioso effeito
De apotheose de sol, em toda altura
De scenário, destaca-se a estrutura
Do gigante adormido no seu leito.
Resupino, na clássica postura
Da morte, calmo, de sereno aspeito,
Braços em cruz dobrados sôbre o peito,
Algo de esphinge, moldam-lhe a figura.
O nome, a glória, as armas e as façanhas
Do heroe dormem com elle nas montanhas
Em cujos cimos se lhe ergueu a campa.
Assim vêmo-lo: um símbolo vibrante
Em forma de sarcófago; na tampa,
Talhada em alto, a effigie de gigante ».

Agradecendo as gentilezas de sua Ex.^a o Sr. Embaixador do
Brazil, rendemos culto à sua alta personalidade de diplomata e
homem de letras afirmando a nossa admiração pela nobre Pátria-lusa
d'álem mar.

Salvé!...





CAMINHO DA RAÇA

*Quando Cabral partiu para seguir a rota
Que a nossa gente vinha apenas de sulcar,
Um divino poder fez desviar a frota,
Voltou as quilhas, impeliu-as sôbre o mar!*

— *Que íntimo presentir, que saúde remota
Os pilotos venceu, graves, o vigiar?*
— *Que poderosa mão tomou a leme e a escota?*
— *Que outro vento melhor fêz as velas inchar?*

*Terra de Santa Cruz' madrugada florida!
Pátria de além do Mar desta Pátria esquecida,
Saúdosa, a recordar um passado esplendor.*

*Fossem meus versos — naus, naus do Descobrimento,
E pudessem chegar, com um propício vento,
Á tua alma, Brazil, dando-te o nosso Amor!*

Augusto Casimiro

PORTUGAL

Terra de Portugal à beira Oceano!
A maré sobe, alteia o Sol... Ponte de Sagres!
A vida grita rijo: «*Arma virumque cano!*»...
— Lá vai a Raça pelo Roteiro dos Milagres!

O mar rebôa... longo... enraivecido...
— Pois o seu dorso revoltado, cruza-o
Minha ambição! E traga-o bem vencido
Fechado em minha mão, como num buzio!

Eh lá! Senhores da Estranja! Portugal é isto!
Um dia foi ao Mar! — e o Mar Latino
Floriu-se de ilhas! mundos! Quem diria!...

Sucedeu isto em tempo... Era menino
E deu-vos leis... Hoje matai-lo? É como Cristo...
Redime as vossas culpas... Lá virá um dia!...

Coimbra — Julho 1920.

AMÉRICO CORTEZ PINTO.

ELOGIO DO PÃO

Cai o sol em frechas de oiro
Pelas veigas e caminhos...
Ai, bendito o trigo loiro
Das espigas
E tremonha dos moinhos !

*

Vá raparigas,
Sem descançar,
Que as vossas lindas cantigas
Andem perdidas no ar!
Quem ceifa também abraça,
Na cintura das gavelas,
O sol, a vida e as estrelas:
— Abundância, Deus e graça !

*

Pão de amor — Eucaristia,
Todo luz, todo alegria !...

*

Colheitas já sazoadas,
Que o vento agita,
São ondas fulvas, caçadas,
Numa volúpia infinita...
Ou, então, quási parece
Que Ceres, nua e formosa,
Adormece
Num rico bérço, ou baixel
Côr de mel
E de pétalas de rosa!...

*

Se as sementeiras infesta
Sizânia, ou herua daninha,
Fóra com ela! Não presta!
— Quer-se mui limpa a farinha.

*

Imagem da nossa alma,
Fôra assim a consciência:
Asseada, pura e calma,
Cândida como a inocência!

*

Trigo estendido nas eiras
Brilhando ao calor do sol...
Mangoais, foices, joeiras,
Ó pernas das lavradeiras
Cheirando a feno e a serpol!

*

Pão, como Cristo, adorado,
Por nosso amor, açoitado...

*

O cura casou agora
Dois noivos — que lindos são! —
— Ela tem olhos de aurora,
— Êle um peito de Sansão.
Correm as môças a vê-los
— Quantas invejas secretas! —
E então, sôbre os seus cabelos,
Caem como borboletas,
Num gesto amigo,
Flores, amêndoas e trigo...

*

Passa contente o moleiro
Com recovas carregadas:
Lembra um eterno Janeiro,
Nas roupas enfarinhadas.

*

Quando, em toada roufenha,
Vê o grão, num duro atricto,
Cair das pedras da azenha,
Ergue as mãos e diz num grito:
Bemdito o trigo, bemdito...
Benção de Deus — trigo novo,
Santissima Eucaristia;
Suor e riso do povo,
— Pão nosso de cada dia!

*

Quizera sofrer estios,
Ser massa para beijar
Os vossos braços macios,
Quando vós, ó camponezas,
Ides o pão amassar...

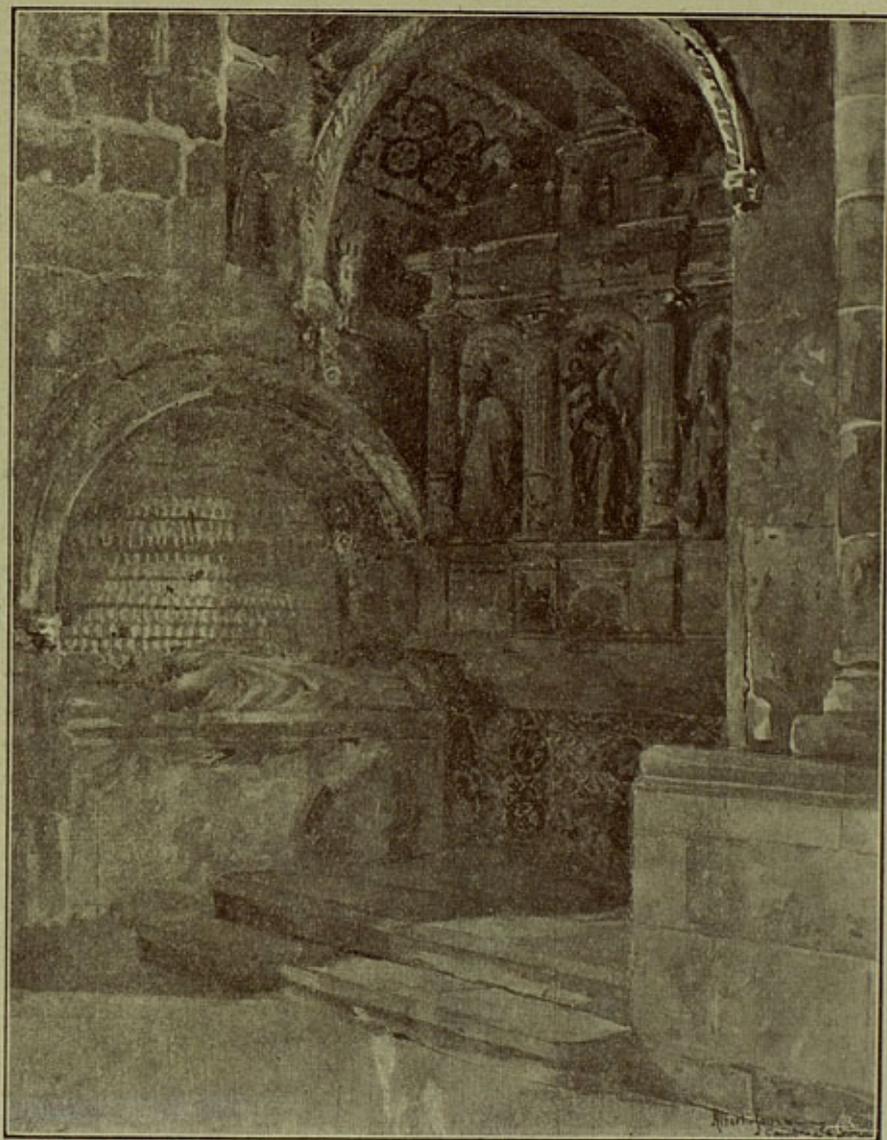
*
Batem mendigos à porta,
Ouvem-se cantos e rezas...
O lavrador, então, corta,
À farta e à tóa!
Uma fatia de brôa.
E o pobre que se consola,
Cheio de satisfação,
Deixa cair sôbre a esmola
Lágrimas de gratidão!

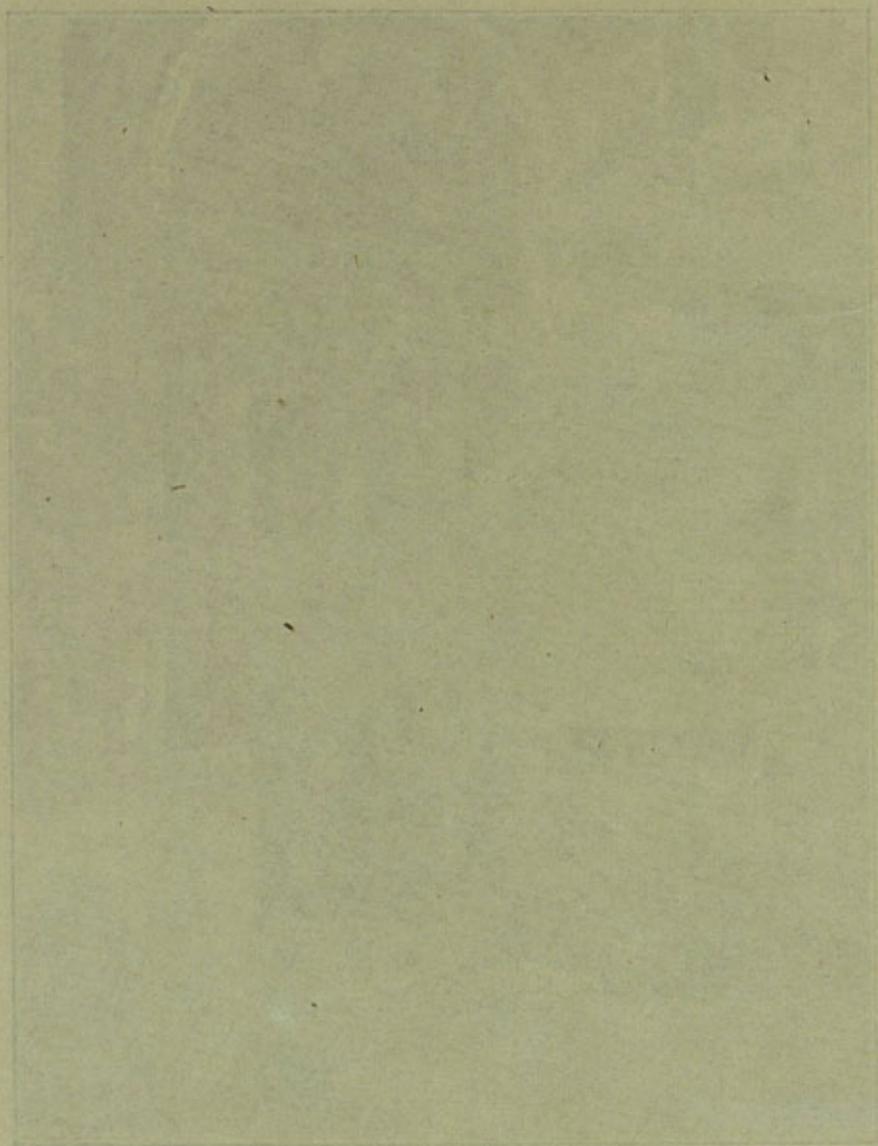
*
Pão de vida — Sacramento:
Nosso suor e alimento!

*
Pode não haver mais nada;
Mas enquanto a brôa dura
Sôbre a toalha lavada,
Há prazer e há fartura.

*
E ao vê-la, qual alvorada,
Eu êrgo as mãos e repito:
Bemdito o trigo, bemdito...
Benção de Deus — trigo novo,
Santíssima Eucarestia;
Suor e riso do povo,
— Pão Nosso de cada dia!

*
O prior nas suas missas,
Quando ergue a Hóstia santa,
É farinha das premissas,
É êsse o pão que levanta.





*

E todos batem no peito,
Absortos e reverentes ;
E cada um, com respeito,
Diz estas frases ardentes :

*

*Adoro-te ó Pão sagrado,
Pão da terra e Pão dos céos :
Suor com pranto amassado,
Corpo, Sangue, Alma de Deus !*

Do livro inédito
«Sombra de Olaias».

ADRIANO FERNANDES DE AZEVEDO.



Frutas do tempo

UM BOUDOIR DE MULHER

O meu amigo X., rapaz de 25 anos que vive para a gargalhada e para a caça, entrou-me a semana passada em casa, de repelão, e desfechou-me brutalmente :

— ¿; Sabes?!...

— Não. Os velhos deuses que Cristo emudeceu nos seus frisos do Partenon não me deram o dom de penetrar mistérios. Não sei nada. Deixa essa cara assarapantada e conta lá o que sabes e o que queres que eu adivinhe.

— Aqui a dois passos, na casa que o Z. alugou a uma personagem misteriosa de Lisboa, habita há cinco dias já uma mulher nova, duma beleza provocante, de formas esplêndidas, profundos olhos negros de mistério...

— ¿; Sim?! E depois?

— ¿; E depois?! Depois mais nada. É uma mulher que fascina, uma mulher que...

— Talvez Syrinx, a louca de paixão...

— ¿; Caçôas?

— ¿; Eu? e se fôsse Byblis, a insaciável?

— ; Mau!

— Já me disseram que era Mnasidika, a de pele de veludo...

— Bolas, meu caro. Deixa-te de graças e ouve.

— Imagina tu que ela era Berinice, a olímpica por Astaréa, que amou Demetrios e que...

• — ; Adeus! gritou X. amarfauchando o chapéu raivosamente e correndo quarto fora.

— Conta lá. Palavra de honra que te não interrompo mais.

— ¿ Palavra?

— Palavra.

— Encontrei-a ontem, em plena torreira do meio dia, num *peignoir* transparente de *surah*...

— ¿! Han?!

— É como te digo. Em roupão, bela de provocar um santo.

— Estou a modificar a minha opinião sôbre essa deusa de... *peignoir* ao meio dia, e a flunar pelos pinhais vizinhos. Alguma arrependida em vigiliatura...

— Talvês. ¿; Mas sabes que chegámos à fala?!

— ¿ E depois? Fiz eu alvoraçado, sentando-me na cama.

— Depois disse-me que era desgraçada, que fôra atraçoada pelo marido, que, dois anos atraz, abrira a cabeça com um tiro de pistola aos pés da consulesa argentina que afinal se entregára ao adido militar inglês, uma figura grotesca de macaco encasacado, cheio de cerveja e de *wiskey*.

— A eterna história. Muita desgraça junta, muito desengano, muita... muita história.

— ¿ Não acreditas?

— Quási que não.

— Vem daí.

— ¿ P'ra onde?

— A casa dela.

— ¿; A casa dela?!...

— Sim, homem. Eu apresento-te.

— Bem. Vamos lá ver então essa suprema beleza desgraçada.

*
*
*

Uma creada velha, com uma cara encarquilhada de pergaminho, de faces cavadas e imóveis, veio abrir-nos a porta.

Fomos introduzidos, sem mais cerimónias, no *boudoir* de Maria Benedita. Chamava-se assim, segundo me dissera pelo caminho o meu amigo X. Ao entrar tive um momento de surpresa, e quedei-me momentos, assombrado.

Havia na atmosfera morna do interior que uma luz vermelha pulverisava em tons suaves de papoila, um sensualismo vago de harem turco, um mixto de essências raras que escaldava os sentidos. Num tamborête esguio de pau-setim com filetes *renascença* em oiro baço, cantava um *nargileh* de porcelana branca, gorgolejando olores nervosos de rosas de Alexandria em volutas suaves de fumo azul glauco. Nas janelas pequenas em ogiva tremulavam *stores* de seda vermelha fendidas de rendas pretas de Valência, e num candieiro alto *império* um *abat-jour* de seda branca mostrava na suavidade alada das côres duma aguarela, o cisne pagão da fábula que queria seduzir Lêda nas margens sombrias do Eurotas.

Por detraz de uma palmeira que uma fita de quadrados escoceses coleava volutuosamente, na fórmula serena e olímpica do mármore de Carrara, branquejava num tom de leite frio a nudez esplendida duma Venus de Canova, em tamanho inteiro.

Duas rosas enormes, vermelhas, dormitavam em jarrões doirados de Sèvres, parecendo bocejar o seu tédio heraldico de rainhas triunfantes a dentro daquêle *boudoir* estranho.

Havia coxins persas em brocado de oiro semeados por sôbre as peles mosqueadas dos jaguares, tamboretas de rendilhados finos, duma paciência de capricho, espelhos Luís XV a refletirem tons de sangue quente entre aluviões de *gazes* e rendas. Nas prateleiras de cristal e laca com rebordos de charão vermelho onde cegonhas batiam azas sôbre paisagens nipônicas, bocêtas de prata batida a cinzel, abriam no ambiente morno a carícia dos seus perfumes que se mesclavam em tons suaves de bizzarria.

Eram mixtos de *Royal Begonia* com que se perfumam as axilas, *nardo de Tharso* em que as gregas mergulhavam os seus cabelos de ébano, *metôpyon de Aigypte* que as sacerdotisas de Afrodite guardavam em bacias de marmore vermelho, *tomilho azul* para perfumar o hálito, *oinanthê das montanhas de Chypre* que as cortezãs escorrem em fio entre os seios turgidos, *marjolana de Kôs* para as pálpebras e sobrançêllhas, quinta essência de *rosas de Phasêlis* para o pesçoço e nuca, a *bakkaris* para amaciar e endurecer os rins, o *mastie* misterioso das iniciações orgiacas da Helada, o *Kirdacsk* suáve dos bazares de Teheram. E toda esta mescla de unguentos, de perfumes, de essências, de cheiros, dava um tom bizzarro, estranho, misterioso, ao interior vermelho do *boudoir* de Maria Benedita.

— Que sêde de perfumes, murmurei eu para X. A nossa heroína quiz juntar em poucos metros quadrados tudo o que o Oriente, o Ocidente, a Grécia antiga, o mundo inteiro tem de esquisito e de estupendo.

Rançou a porta e Maria Benedita apareceu, sorrindo. Trazia o mesmo *peignoir* transparente, modelando-lhe divinamente as suas fôrmas de maravilha.

Fui apresentado, tive as melhores frases para essa mulher que era rialmente esplendida e conversamos em ninharias que provocavam sorrisos. Ela foi requintadamente amável e enquanto nos obrigava a um licôr esquisito de paladar e de côr em calix minúsculos de Boémia, foi-nos contando a triste epopeia da sua vida. Era verdade, o marido, homem da moda, matára-se aos pés da consulesa argentina. Maria Benedita calou-se por momentos e depois abrangendo com a sua mão branca, num gesto largo e nervoso, todo o interior do *boudoir*, enquanto duas lágrimas lhe riscavam um sulco luminoso nas faces de veludo, ajuntou para nós:

— É aqui que eu choro a sós a ventura que sonhava e que nunca tive. No meio de tudo isto, destes perfumes e destas peles, olhando as rosas e admirando o cinzel divino de Canova, eu tenho a ilusão do amor do *outro*, a ilusão da felicidade que para mim tem sido intangível!

Coimbra, Julho de 1919.

Do livro a aparecer «Decadentes».

HORÁCIO DE SEABRA (VOUGA).



Frutas do tempo

Borboletas, pousam...
 Nos pasteis
 Calcam a lisonja...
 Da "Central",
 Riem à lisonja...
 Dos m'nestreis
 Posam na graça...
 D'um jogral.

NO CALVÁRIO

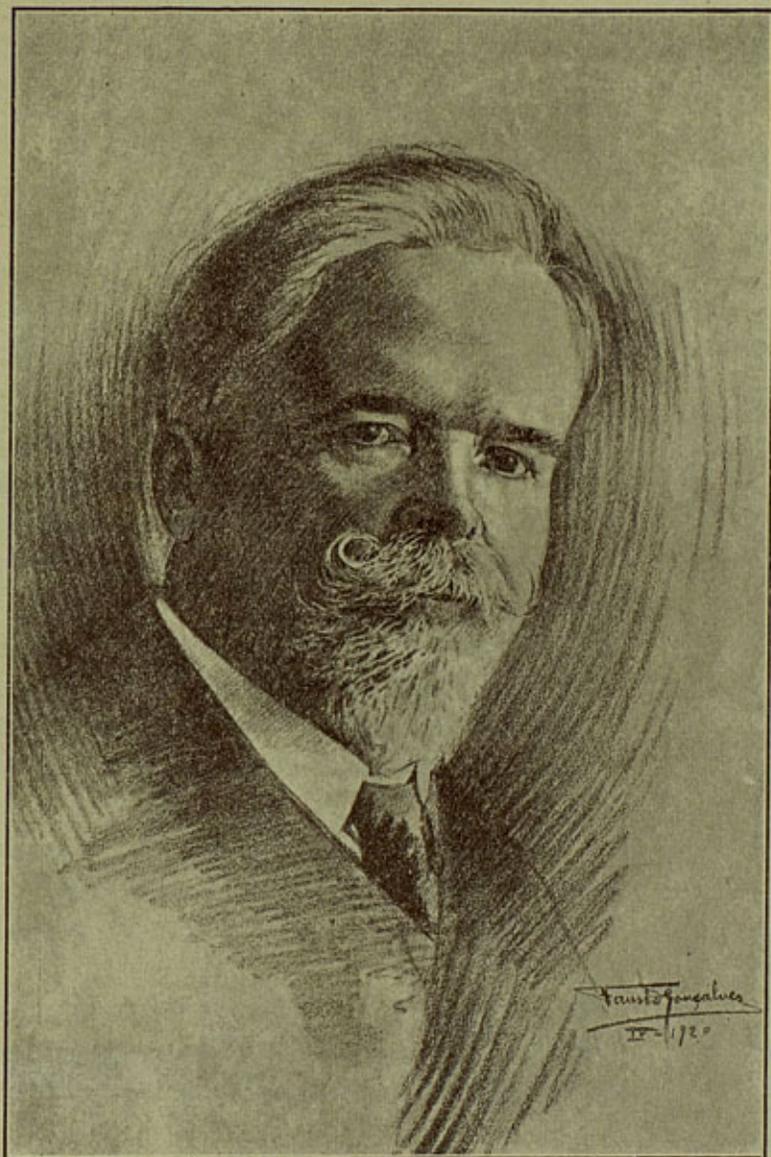
AOS PROPAGANDISTAS

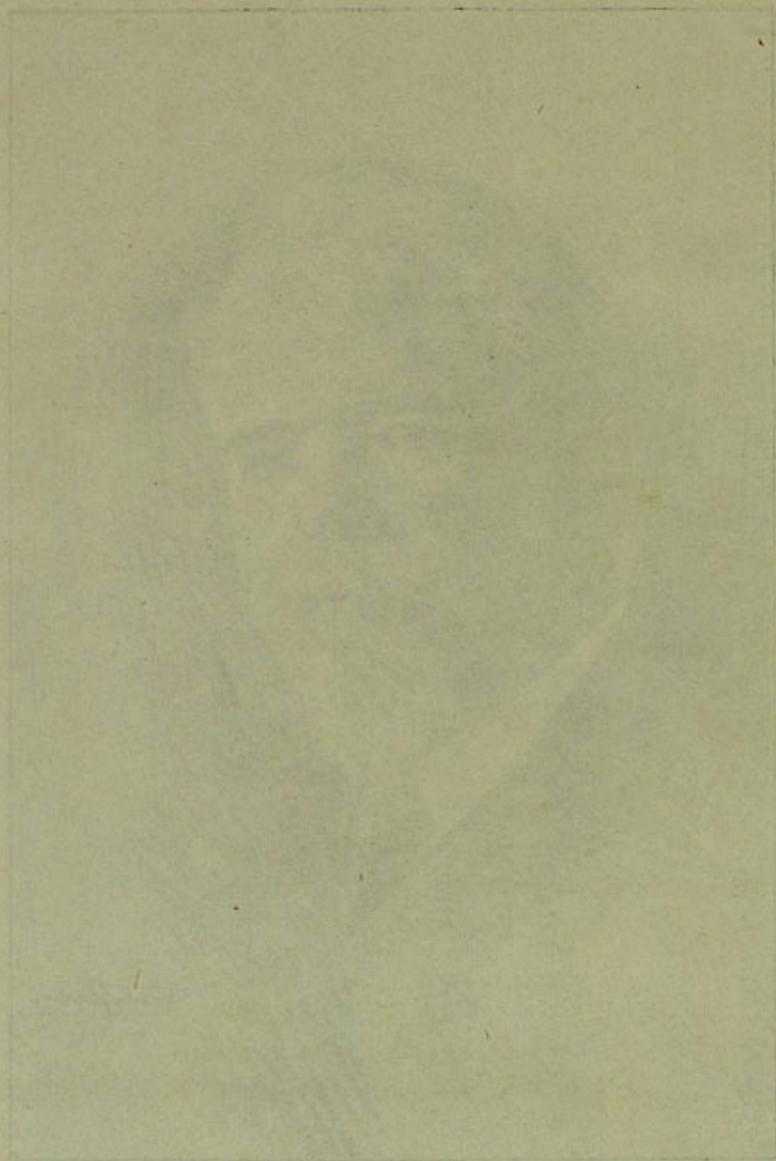
ANTE CRUZ

Homem que nas frias palhas nasceste,
Quem sois Vós? Ah! porque assim morreste?!
O mundo infinito cheio de luz
E vós, filho de Deus, morto na cruz!?
Filho de Deus, Ethereo, Sublime,
Vós? que na terra cometeste um crime,
Crime hediondo, o crime execrando
Do amor!: — levaste a vida sonhando

Ressuscitaste p'ra imensa dôr
Da desillusão. Quão triste é amar
A humanidade que sem pudor
Passa, cínica, só a murmurar
Dos apóst'los da Paz e do Amor
.....
Jesus, Senhor — que m'ando a (cruxi)ficar.

C. V.





VISÃO

*Vi-A: vi hoje um lírio sob o olôr
Da Lua;— um lírio n'água inclinando a haste débil;
E, à flor da saudade, como um sonho flébil
Da aza do tempo, veiu a mim o seu amor.*

*Caíu-me n'Alma; e à delicada imagem
Da lua em lago azul dum lícido palôr,
Para a scisma do Longe um músico-pintor
Acordou ante mim chorando na paisagem.*

*Ao luar de penumbra em que amorôso a vi,
De olhos para o Jardim dêsse irradió encanto,
Entristeço; e não sei, nem sei se a conheci!*

*Só, flores esfolhando à luz que me acompanha,
Como pétalas no ar bem as ouço em meu canto
— Por entre a urze lilaz — as aves da Montanha.*

Alfredo Costa

PÁTRIA

Pátria! Pátria! Portugal!
Ó Terra santa e bendita
A minh'alma hoje grita:
— Ó Terra santa e bendita
Pátria! Pátria! Portugal!

No meu peito incendiado,
Ó Pátria! eu sinto agora
Reviver todo o passado
Dêste Povo abençoado
Quando se foi Mar em fora!

Olhos em Ti eu só vejo
Os grandes dias de glória
— Os maiores da nossa história!
Em que chegaram ao Tejo
Os galeões da Vitória!

Primeiro do que ninguém
Tu foste, ó Pátria adorada!
Fazer a grande jornada
Das ondas do Mar, a quem
Deves grande nomeada!

Primeiro do que ninguém
Dominaste o Mar profundo...
— História assim quem a tem?!
Primeiro do que ninguém
Foste a Senhora do Mundo!...

A tua Armada venceu
As lendas que se contavam
De mil monstros que matavam
— E que gente não morreu!...
Quem no Mar alto encontravam.

Do Restelo em certo dia
Ela se foi de abalada
Sem saber aonde iria,
Ou ainda se viria
Outra vez dessa jornada.

E as velas brancas de espuma
Como gaivotas no Mar,
Levantam vôo uma a uma!
E as velas brancas de espuma
Lá vão elas a singrar...

E sôbre as ondas sulcando
O rumo desconhecido,
A Armada vai demandando
Sôbre as ondas, espumando,
O Novo Mundo escondido!

Mais tarde quando voltou
Dessa rota triunfal
Que todo o mundo assombrou,
A Terra inteira cantou
O nome de Portugal!

F. MARTINS.

AOS DESERTOS

Ó desertos velinhos e sem fim,
Desertos sem a sombra duma cruz!
Onde vagueia a alma de Caim
Abraçada na alma de Jesus...

Ó desertos, imensos areais,
Sem fontes a chorar pelo Sol-pôr!
Ó desertos, nem sei que me lembrais,
Fazeis lembrar as almas sem amor.

Desertos onde o Sol-poente morre
Sem um unico adeus, ao abandono,
Onde não dobram sinos numa tôrre,
Onde não caiem folhas pelo outôno!

Ó desertos sem rosas e açucenas,
Ó desertos sem cravos e sem lírios!
Onde não vão donzelas p'r'ás novenas,
Onde não há, quem reze à luz dos círios.

Desertos onde o Sol de madrugada
Beija tudo em redor e nada cinge,
Onde o Sol beija a terra desolada
Como quem beija a frente duma esfinge.

Velhos desertos onde a lua-cheia
Não tem um lago só para boiar,
Onde não há luz duma candeia,
Onde não há ermidas ao luar.

Desertos onde o vento, sem quebradas,
Não reza ladainhas, nem hossanas!
Onde devem andar almas penadas
A empecer o caminho às caravanas...

Ó desertos sem pombos, sem pombais,
Onde não passam nunca as raparigas,
Terra onde não gemem pinheirais,
Onde não há soluços, nem cantigas.

Desertos mais velhinhos do que o lenho
Onde os judeus pregaram o Senhor!
Eu sou vosso irmãozinho, porque tenho
Um deserto sem fim no meu amor...

.

Ó desertos em fogo, onde o sol cai
Amortalhado num lençol de sangue,
Onde o sol tomba sem ouvir um ai,
Sem ouvir um adeus na tarde exangue.

Velhos desertos em meditações,
Ó desertos amigos dos profetas!
Desertos! vós sois como as solidões
Que se fazem nas almas dos poetas...

Pobres desertos, frios como a neve
Quando à tardinha morre toda a luz,
Pobres desertos, onde à noite deve
Andar ao vento a sombra de Jesus...

Ó desertos! ninguém reza por vós,
A chuva não vos dá seus beijos d'água,
Longe das almas, muito longe, a sós
Ergueis para o Senhor a vossa mágua.

Ó desertos mais tristes do que dobres
De sinos a dobrarem por finados,
Ó desertos humildes como pobres,
Ó desertos sem fim, abandonados,

Hei de rezar por vós no meu amor,
Ó desertos sem fontes, nem caminhos!
Como rezo também pelo Sol-pôr,
Como rezam, à tarde, os pobrezinhos...

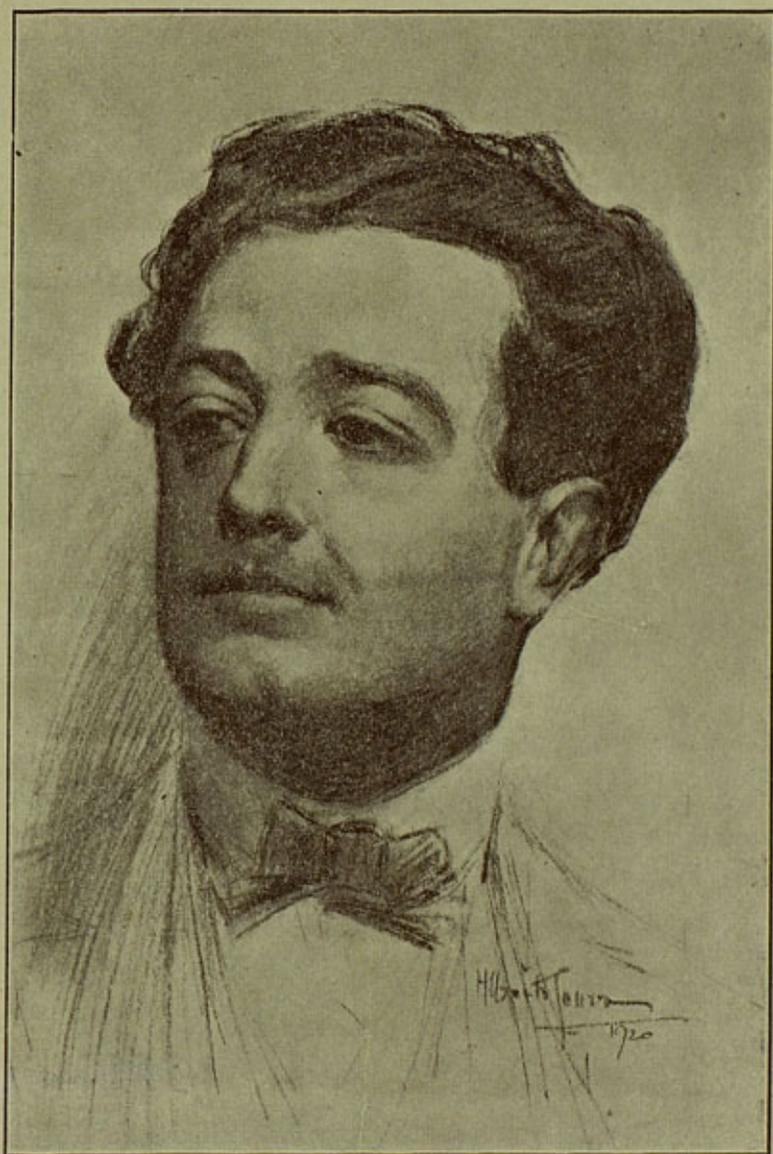
Velhos desertos, trágicos nirvanas!
Eu irei para vós quando morrer,
Mas p'ra onde não passem caravanas,
Longe de tudo quanto fôr viver!

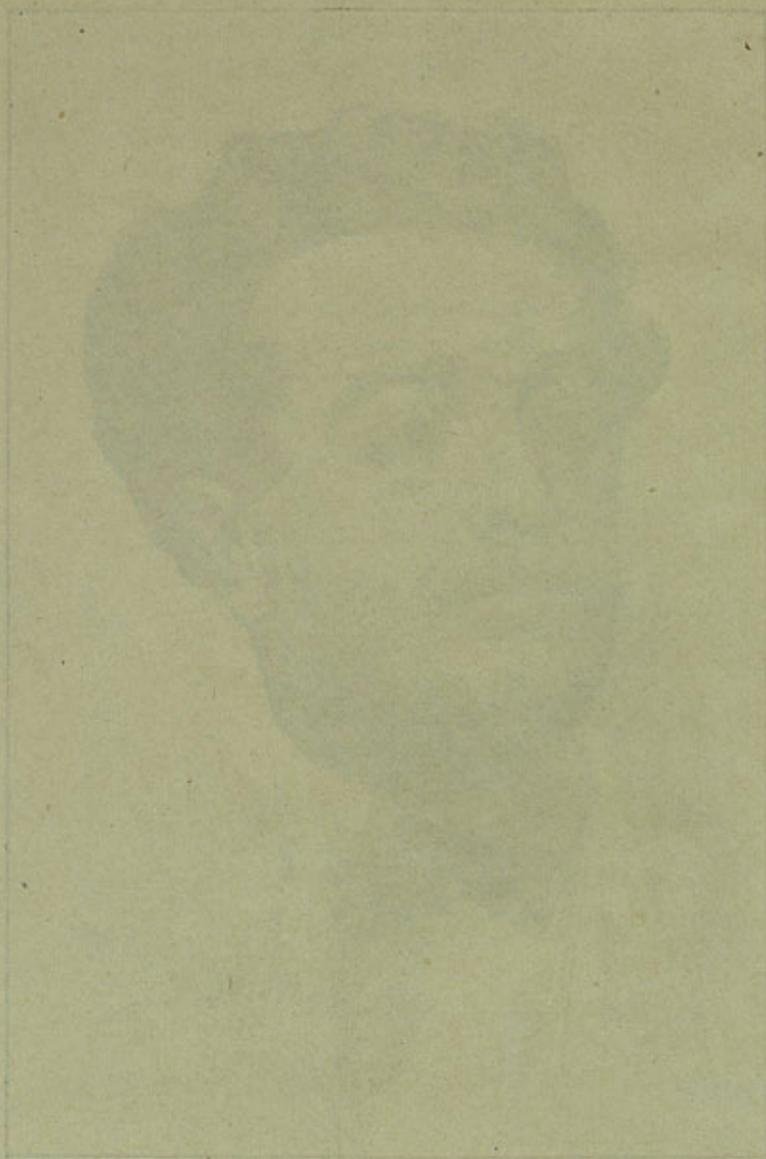
Coimbra, Março de 1920.

ANGELO CÉSAR MACHADO.



Frutas do tempo





ADORMECI...

Adormeci... As tuas mãos de cêra
Desfolharam carícias no meu sôno,
E Deus que da minh'alma se esquecêra,
De teus beijos floriu êste abandono!

Adormeci... A minha bôca muda
— Bôca sem fala, abandonado trôno... —
Sonhando a tua voz compõe e estuda
Uma elegia p'ra embalar o Outôno!

Adormeci... E um lento bater de azas,
— É a Lua que desceu por sôbre as casas? —
Unge-me a fronte — a etherea melodia!

Adormeci... A noite é como um dobre
Cobrindo a voz da terra escura e pobre.
.
E na minh'alma é alto e claro o dia!

Coimbra — Março de 1920.

ANTONIO DE PORTUGALE.

AZAS ...

Não me peças que fique... Ah! não me peças
Que beije nos teus olhos o teu pranto.
Não me fales de juras e promessas
Nesta hora de febre e desencanto!

Ah! deixa-me partir, voar enquanto
O Sol me doira os olhos! Não te esqueças
Que nunca, ao pé de ti, no teu quebranto
Pude esquecer meu vôo — azas perversas!...

Ah! deixa-me partir! Adeus! Adeus!
— Sôbre os meus olhos a anplidão dos ceus
É como um claro olhar de olhos absortos!

Do nosso amor? — Saudades vão comigo,
Das tuas mãos, do teu perfil antigo,
E o casto aroma dos teus beijos mortos!

Coimbra — Março de 1920.

ANTONIO DE PORTUGALE.

SILENCIO!

Foi-se na *côr* deste Poente alado
O teu amor e o meu perdidamente.
Deixá-lo ir dormir eternamente
Como um sonho que mal fosse sonhado.

Deixa-lo ir assim, sem um pecado,
Dos outros êste amor tão diferente.
Deixá-lo ir na luz deste Poente
O nosso amor, meu Deus, tão desgraçado!

Deixá-lo ir assim ao fim do dia,
Como luz de penumbra ou sacristia,
Como flor que murchou sem um lamento.

Deixá-lo ir o meu amor enfim!
Deixá-lo ir meu Deus! Longe de mim
Que durma em paz no grande esquecimento.

Coimbra — Março de 1920.

ALFREDO BROCHADO.

A MINHA VOZ

A minha voz perdida pelos montes
Anda por lá de noite a soluçar;
Escuto-a às vezes, escutando as fontes
Que pelas serras andam a penar.

A minha voz é a voz dos horizontes
Ante o nascer saudoso do luar!
É a voz dos pinheirais, a voz das fontes
Das tristes coisas sem poder falar.

A minha voz são aís de um moribundo
De olhos cerrados já, sem vêr o mundo,
Mas antevendo as regiões dos Céus...

Rezando a minha voz é a voz do Além!
São teus olhos chorando — Minha Mãe,
Cantando a minha voz é a voz de Deus.

Coimbra — 1918.

ALFREDO BROCHADO.

IDILIO

AO AFFONSO DUARTE

I

Na tarde que desce
A gente entristece
De tanto sonhar!
As flores resequiram,
As aves partiram,
P'ras bandas do mar.

II

Quem é que me embala?
— Será a tua fala
De Virgem piedosa?
... E a tarde morria,
Na lenta agonia
De um caule de rosa!

III

E eu disse-te assim:
Não rezes por mim,
Que é a tarde que morre!
E as trevas desciam,
Trindades caíam
Do cimo da torre

IV

E então ao piano
«As horas de engano»
Quiseste tocar;
Mas nada se ouvia
E a gente tremia...
Caia o luar!

V

Oh horas saudosas!
Desfazem-se as rosas
Nas jarras, baixinho...
Dizendo segredos,
Beijei-te nos dedos
Com todo o carinho...

VI

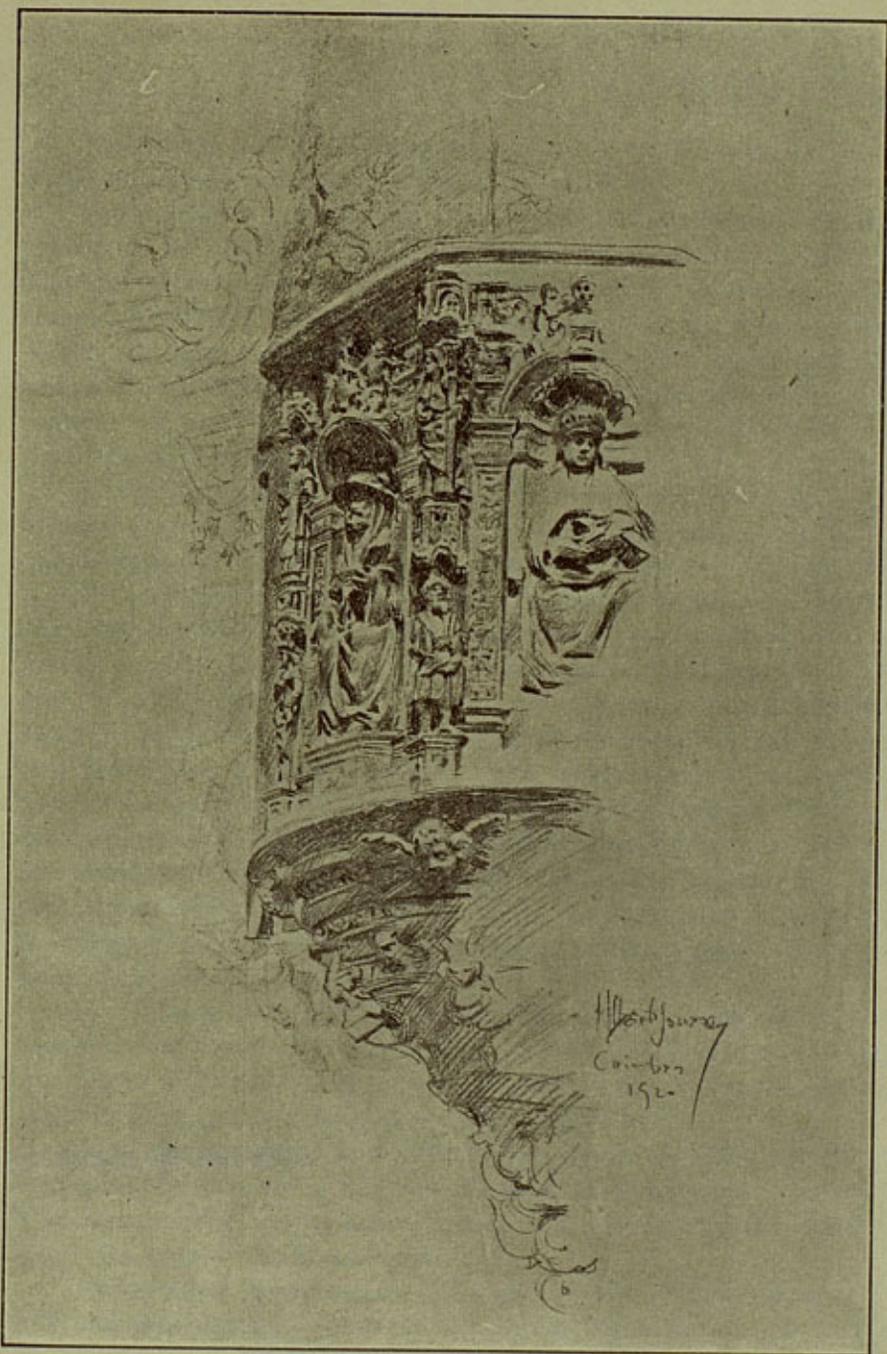
Teus olhos mirei-os!
Pareciam dois seios
Ou luas no Agosto...
E assim ao teu lado
Seria pecado
Beijar-te no rosto?

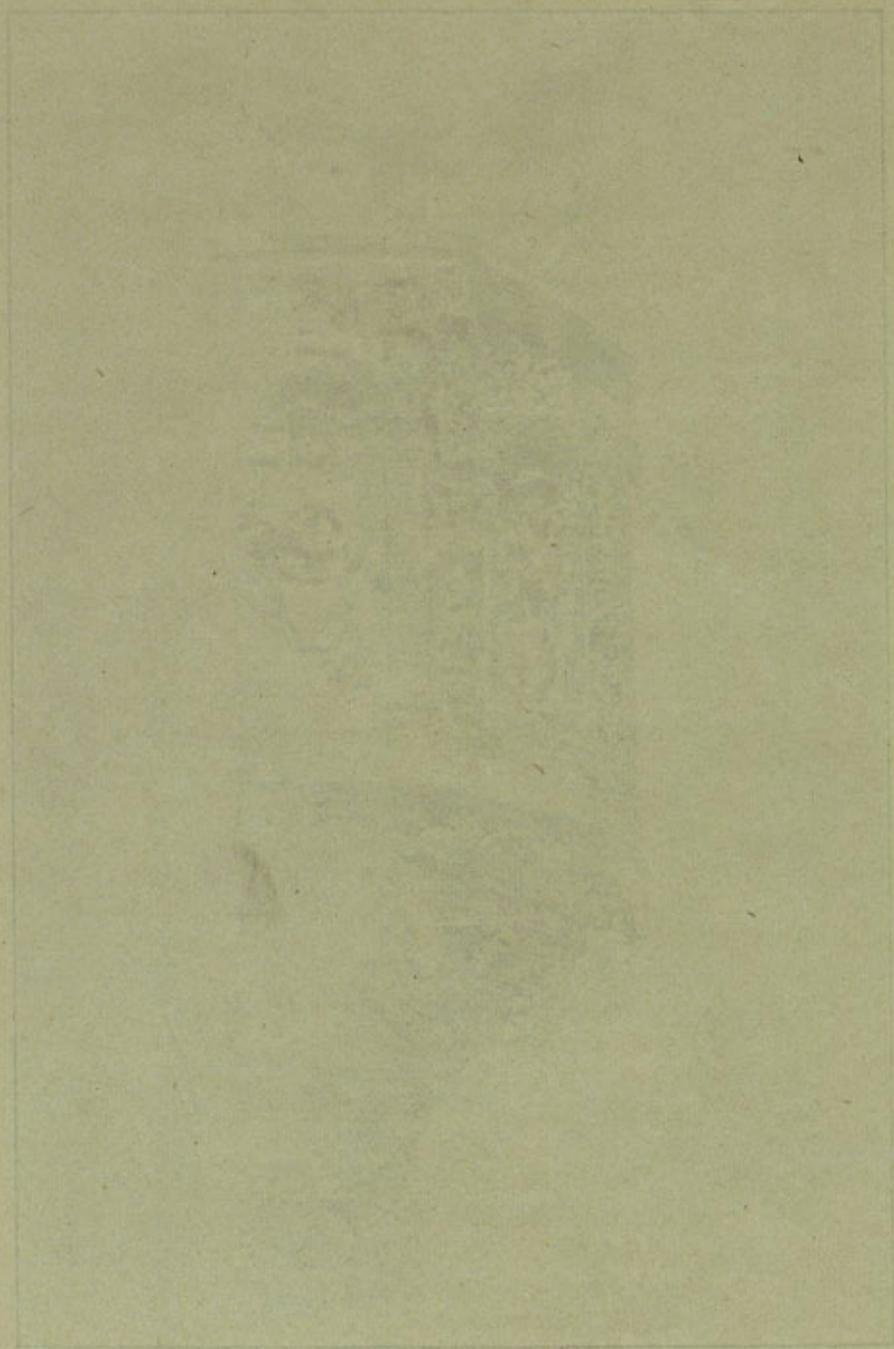
VII

E então lentamente
Uma voz de ausente,
Dir-se-ia um harpejo,
Erguen-se na treva,
Enquanto se eleva
O nosso Desejo...

Coimbra, 1919.

ALFREDO BROCHADO.





Artistas e amigos

Está entre nós o destinto aguarelista, sr. Alberto de Sousa, nome consagrado no mundo da arte.

Muitos são os trabalhos já feitos, apresentando Coimbra nas suas paisagens de planos harmoniosos e cambiantes múltiplos; mas, os claustros e retabulos, capelas e tumulos, selecionados pelo pincel classico e p'lo lapis magistral d'um artista de eleição e rara técnica, — que são a história eloquente das glórias remotas que a pedra documenta e as tintas vam editar, levando-a ao conhecimento da Lisboa coquete — é que nos extasiam, pelo raro senso artístico, pela intuição e sabedoria, com que são escolhidos.

A sua exposição será a página de oiro desta nobre cidade de bispos, guerreiros e sábios vádios, evocada nas côres de setim com que as suas aguarelas rematam o complicado *processus* de aquatintar.

Presentemente aguarela o templo românico descrevendo o xadrês, arcoirisado pelo sol poente, das suas pedras rectangulares côr das *petalas murchas de rosas-chá*, numa concepção de fantástica realidade, que os artistas interpretam para maravilha e pasmo dos leigos como eu: — A Sé Velha, que a meio da encosta se ergue em linhas austeras, muda para a civilização que passa, acigana-se de mil côres ao adeus do sol-poente, como num *sabbat* de luz a evocar os *mythos* que lhe embalaram o berço de um relegiosismo semi-bárbaro, enquanto o sol moribundo entra nos vitrais a orar na prece d'agonia, e a catedral, divorciada da arquitectura nova, vai cobrindo a sua angústia com a sombra funéria dos recantos, dando a paz dos túmulos aos bispos guerreiros que dormem no seu seio ...

... inda a claridade iriante, mordida pela dentuça das ameias, recorda, num *dentelle* de luz e sombra, o riso mau da moirama vencida que foge. Foje para Alhambra de Granada, como o meu pensamento, visionando a aguarela magistral do eximio pintor.

Aqui lhe pedimos, como penhor da nossa admiração, desculpa da apresentação desastrada dos trabalhos que tão gentilmente nos cedeu, valorizando esta revista que se honra com a sua incidental colaboração. Os nossos agradecimentos.

Encantados, agradecemos ainda ao sr. João Augusto Machado, o seu elegante desenho « A Tradição — em frisos velhos sob a egide da Universidade feudal. »

Caixa da comissão

<i>HAVER:</i>		Conta da tourada	
<i>De Demarches:</i> 10 a Taveiro, Formoselha, Figueira, Anadia e Lisboa (Documento 1).			131\$16
<i>Gados:</i> Aluguel, campinos e pastos (Doc. 2, 3, 4, 1-C).			428\$00
<i>Artistas:</i> Ofertas e despesa (Doc. 5, 6, 7, 8, 9, 10, 31).			428\$24
<i>Despesa de Praça:</i> De Coimbra — curso 95, archeiro, etc.		180\$12	
Da Figueira — percentagens, bonus, impostos, foguetes, música, etc., etc. (Doc. 11, 12, 13).		1.308\$03	1.488\$15
<i>Reclame:</i> Cartases, prospectos, colagens e 2 idas por urgência ao Pôrto (Doc. 14, 15, 16, 1-A)			271\$29
<i>Fatos:</i> Transportes, aluguel (Doc. 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25).			139\$47
<i>Jantar:</i> Vinhos de Coimbra e conta do hotel (Doc. 23, 30, 31, 32, 33).			1.427\$70
<i>Diversas:</i> desp. comissão, telegramas, carros, gorjetas, farmácia, chá às comissões d'honra, etc.			232\$13
<i>Supervenientes:</i> Bilhetes restantes e de fav.-comissois, prof., etc. (Doc. 36).			148\$50
Filantropica e S. dos Pobres (Doc. 34, 35). — Saldo			1.160\$66
<i>DEVE:</i> — <i>Receita da Praça</i> — nota da Empresa			5.855\$30

<i>HAVER:</i>		Conta do curso	
De gravuras (A, B)			19\$70
Telegramas e vales do correio			2\$85
Ofertas (C).			70\$00
Bilhetes de viagem			97\$96
Programas (D)			190\$00
Uma folha de pregaminho, quebras, publicações, contas, etc. (E).			198\$95
Filantropia — a um condiscipulo por iniciativa de C. Branco (E) — Saldo			221\$74
<i>DEVE:</i> — Venda de programas		75\$20	
Inscrições		726\$00	801\$20

S. E. O.

Conta de correcções

Receita destinada às fototípias do curso e touros	37\$70
---	--------

NOTA. — Se não fôra o muito respeito pelos dirigentes da Sopa, quasi lastimávamos ter dado o produto do nosso trabalho aos pobres. Evitavamos a publicação de contas e os comentários daqueles que naturalmente se divertiram de graça, pois a receita calculada pelos bilhetes era de 7.030.00. Os documentos e minuciosa descriminação de contas, ficam depositados na Associação Académica.

Um arbítrio

O incidente que deflagrou, por virtude da teimosia incompreensível de alguns professores da faculdade de medicina e de que veem sendo vítimas seis alunos daquela faculdade, não pode passar sem que o anotemos, não vá julgar-se que nos alheamos das questões académicas mais importantes.

O caso já tem sofrido os reparos da imprensa, mas não queremos furtar-nos ao cumprimento do nosso dever, deixando de lhe dedicar a maior atenção.

Nos seus traços gerais o caso foca-se com precisão nestas palavras duma eloquência forte e dominadora :

Seis alunos da faculdade de medicina andam desde Dezembro de 1919 à espera que os examinem, para concluírem a sua formatura.

É só isto, que é enorme no arbítrio, tanto custa encontrar a palavra própria para qualificar o caso...

Em Dezembro esses alunos não foram examinados, porque os professores que compunham o juri não compreendiam que se fizessem exames naquela época. E como não compreendiam, a lei votada pelo parlamento determinando uma época de exames em Dezembro, não teve para aqueles alunos a necessária ifeciência.

Ficaram, pois, para Março, pacientemente aguardando que a piedosa omnipotencia dos seus mestres lhes concedesse a suprema graça de os examinarem.

Março chegou. E o exame, também, mas... em meia dose... Fizeram só a prova prática. A teórica sonegaram-lha os professores, para terem o prazer de tornar a vê-los — ainda académicos — lá para alturas de Julho.

E as victimas — os novos inocentes sacrificados ao arbítrio universitário — seguiram a sua caminhada e continuaram jornadeando às ordens de certos professores da Faculdade de Medicina.

Julho chegou na altura própria como sucedera com o mês de Março.

Esta teimosia dos meses de seguirem sempre com uma regularidade matemática, perde-se na noite dos tempos.

É o que nos consta ...

Pois Julho chegou, mas desta vez, os exames não apareceram nem, ao menos, por meias doses.

Não houve exames, diz-se, por ... falta de cadáver ...

¿ Mas isto fere o prestígio da faculdade de medicina que assim demonstra não possuir o necessário material de ensino ?

Isso não é comnosco. A faculdade de medicina é que o afirma.

¿ Em que situação fica nestas circunstâncias a faculdade de medicina ?

Não queremos sabê lo.

O que não pode é continuar esta situação vexatória e desprestigiante. Tem que terminar para honra de todos, dando-se *imediatamente* exame aos alunos que desde Dezembro do ano findo andam para concluir a sua formatura.

A êsses nossos colegas oferecemos todo o nosso apoio, desejando veementemente que sejam respeitados os seus legítimos interêsses.

Uma attitude inteligente ...

Ante a solercia de um presidente que a todos os momentos procura a celebração que não consegue alargar além das suas aptidões bobescas, e as resoluções de uma assembleia que, para mim, eram o *desideratum* de um ano de trabalhos e responsabilidades, não havia que exitar: aguardei as resoluções, desprezando a filaucia arqui-estulta do enédito «meneur».

Entretanto, para que se não julgue que por falta de rasões lhe não dou uma resposta cabal, me refiro aqui às suas insídias.

Afirmou o Barnab, chorando numa lamúria de crocodilo a direcção de que fiz parte, onde, diz, tinha dedicados amigos — que eu era indigno. Indigno porque tinha ludibriado a Academia no intuito de me fazer presidente da Associação, com uma pretensa imposição do govêrno, que êle verificou em Lisboa não existir.

Olhe, meu genial barnabé, — mea culpa: fui eu que os lá meti, porque os republicanos não queriam tal lista, eu, que gastei dinheiro e esforços para os fazer directores, sem o conhecer, note bem; lá me podia ter encaixado se tal aspiração tivesse.

Indigno é o cavalheiro, que não pediu a demissão ao ter de tal conhecimento.

Indigno porque calunia: pois não teve das três vezes que nos ministérios appareceu a arrotar a digestão dos almoços conhecimento de nada; de resto, eu nunca fiz tal afirmação. Numa papelosa «Diário da missão em Lisboa» que em 12-3-919 fiz publicar, lê-se :

«Fomos recebidos por S. Ex.^a, que com palavras de louvor para a Academia, generosamente perfilhou o Decreto mostrando-nos, com êste gesto e com palavras que não desejava política na Academia.»





«Tive eu a impressão de que as dificuldades que se vinham acentuando, sempre vencidas por S. Ex.^a o Sr. Ministro, eram insuperáveis com a Direcção da Associação Académica, de que fazia parte.»

«Não justifico esta impressão, que se tornou uma realidade, porque não quero mais incidentes.»

«Consultem a consciência e meditem. Nada de sofismas, e assentemos nisto:»

«Os Poderes Públicos não fizeram imposições nem eu indicaria uma solução menos digna, que aliás, foi aceite pelo Presidente e mais colegas da Direcção.»

«De facto, o passado da Associação não nos recomenda a confiança do Governo, ainda há dois dias de uma revolução.»

¿ E não sabe porquê ó heroico soldado do batalhão académico ?

Porque a lista dessa direcção (mau grado o conceito em que o tenho) levava convidado o presidente, monárquico confesso e revolucionário sidônista — um abuso, uma irregularidade tendenciosa; foi, como viu, defendida por aqueles que na sala dos capelos tentaram agredir um colega por se dizer democrático, e na Associação faziam reuniões de protesto sem consulta da direcção, contra um artigo do Dr. Quim Martins, e: ou a Academia, com a sua Associação, não fazem política, e absteem-se destes actos e tantos outros que como tal a revelam e envergonham, ou faz política, como está na consciencia de todos, e suporta-lhe as consequências, podendo qualquer minoria de bom-senso defender-se dos inconvenientes provocados.

Os mesmos, para exaltar o brio académico, levantaram essa «blague», que na boca dum republicano é mais que uma calúnia: — é a expressão da vaidade burlesca e da falta de escrúpulos que o caracteriza. Enfim, um tipo ordinário, sem educação nem princípios com a linguagem fácil e argumentação estulta dos inconscientes.

Publico as bases em que pretendi se organisasse a Associação Académica e que, a título de estudo, apresentei na Reunião Magna por mim convocada e contra as quais se rebelou o augusto presidente:

BASES DE ESTATUTOS :

Primeira. — Os corpos gerentes são tirados de um Conselho Escolar, designado eleitoralmente pela Academia em 5 (cinco) assembleias de faculdade escrutinando 5 candidatos cada, sendo sempre 3 (três) de maioria e 2 de minoria, representando os critérios políticos constitucional e formalmente contrários, e são — Medicina, Direito, Letras, Ciências Positivas (Farmácia e Liceus) — pela forma seguinte:

- a) 3 (três) académicos da maioria eleita, e por esta designados em escrutínio secreto e assim 3 (três) da minoria, constituem a Direcção que tem todos os poderes, excepto os escolares que residem no Conselho Escolar (ou Senado Académico), e as atri-

buições da Assembleia Geral; resolvendo em última instância, por escrutínio secreto e reunião plena, sobre assuntos externos a esta Associação ou de carácter político, abstendo-se Esta quando houver anulação de opiniões.

b) dois (2) da maioria e dois (2) da minoria formam uma comissão a propósito que preside à reunião da Assembleia Geral, sendo o presidente dentre estes designado pela sorte, ante a Assembleia reunida.

Segunda. — A Assembleia Geral resolve sobre preceitos estatutários não constitucionais (ou rígidos) como as bases aprovadas que são da atribuição da Academia em Reunião Magna e sua consequente legalização, e sobre atribuições de poderes ou conflitos entre órgãos do mando servindo de tribunal.

Terceira. — Não há presidente. Um director de mês preside a toda a administração, alternando-se no exercício, e à reunião mensal ordinária das comissões do Orfeon (5), da Tuna (5), Grupo Dramático (5) e Desportos (5) que constituem o Conselho Artístico-Sportivo, deliberando sobre as manifestações da vida académica que representam e traduzem. Qualquer destes órgãos, vive numa interdependência regulada nestes estatutos, que garanta pela coordenação de esforços o progresso da Associação e o bom nome da Academia.

Quarta. — Nenhum preceito, tendente a proteger qualquer acto político ou permitir a fuga de qualquer órgão do grémio associativo, será admitido nos complementos destas «bases».

Afinal revelou-se, com a sua claque, um polichinelo que a mão dos monárquicos habilmente trabalhou.

Estas «bases» procuram como se vê, evitarem os efeitos perniciosos da política, apoiada em pretensas maiorias, que não respeitando os interesses académicos sómente protegem paixões e caprichos por demais inconvenientes à formação do carácter na mocidade estudiosa; e, sendo essa maioria hoje monárquica, segundo dizem, resultava a sua aprovação num benefício para as *nobres ideias republicanas*.

Documentando

Em virtude dum papel que assinei, para obter poderes afim de tratar da excursão à América, e em que declarava «envidarei todos os esforços» publico um dos muitos memoriais e officios, que a todos os ministros da república até maio, apresentei. Este é muito sintético; e feito do conjuntivo um imperativo, transforma-se no diploma que desejava, evitando à burocracia o trabalho de pensar um momento no assunto, desejo inútil que durante intermináveis dias tentei.

A SUA EX.^a O SENHOR MINISTRO DA INSTRUÇÃO:

A Associação Académica de Coimbra, ardendo no desejo de triunfar no movimento patriótico que iniciou após a revolução do Norte, carece de certas condições que só o Governo pode realizar, preceituando em diploma legal:

- I. — Que fique considerado movimento que interessa a Academia de Coimbra e superiormente autorizada a Excursão Patriótica à América do Sul.
- II. — Que fique depositado pelo tempo dum ano, o capital a que se refere o decreto n.º 5.659, de 10 de Maio de 1919 na Caixa Geral dos Depósitos.
 - a) Que o juro deste capital seja utilizado para a Excursão a que se refere o artigo 1.º e estudos do edificio; e que para o efeito seja levantado pelo académico Camilo Valente, delegado da Associação, mediante caução que prestará perante a Caixa Geral dos Depósitos, cessando esta com a apresentação do documento de contas aprovadas pela Junta Administrativa do capital.
 - b) Que o capital seja levantado pela respectiva Junta Administrativa,
- III. — Que o Ministro da Instrução determine oportunamente a composição desta Junta, devendo dela fazer parte um académico por cada Faculdade Universitária.
- IV. — Que para a efectivação do artigo anterior, a Associação Académica elabore uns estatutos, que objectivem os fins do artigo 1.º do Decreto n.º 4.697 e, em conformidade com o artigo 9.º da lei n.º 861, definam claramente a sua missão dentro das Academias, incumbindo-lhe desde já, para o efeito do artigo 10.º da lei n.º 861, a organização administrativa do Orfeon.

Por este documento se vê que não tenho responsabilidade alguma no destino que o dinheiro venha a tomar. O I pedido tinha despacho favoravel do ministro, mas — **só para efeitos de juros.**

Orgulho humano ...

« A defesa dos 100 contos que nos absorveu a maior parte das receitas ».

Despesa: feita por C. V. — 240\$00, por C. V. e A. F. — 100\$00, pela direcção, — 50. Total — 390\$00.

Receita das eleições por motivo dos 100 contos: provável 300 escudos, entregue por Barbosa — 250. Total 550 escudos.

Como se vê a campanha dos 100 contos meteu nos cofres da Associação

uns 160 escudos, quasi tanto como agora entregam. Fique pois assente que a defeza dos 100 contos, *não gastou um centavo à actividade desta direcção.*

O detreminismo destas criaturas... «!!

—«Sport conseguiu 190\$80». Tanto quanto o saldo da caixa! Isto é, as despesas são iguais, justamente, à receita de cotas e joias, bufete, cartões, etc., e mais o saldo de 30 escudos e 16 centavos! Que belo chut! O saldo em boas contas seria o transmitido pela comissão eleitoral, mais ou menos 550 escudos, pois aqui começa a actividade da direcção.

Percebe-se. O presidente era director dos Sports, capitão.

Não aparece uma conta dos Sports com receita e despêsa, onde o vinho gargolejado (numa só noite, segundo ouvi, 60 escudos) devia ser inscrito em despêsa e levado a crédito do bufete. Nada disso: contou-se o dinheiro em caixa, concerta-se uma receita por 7 desafios que, com a despêsa do cofre deve dar o dito saldo 190\$80! Tem graça! Tanto mais que este saldo não existe, — deixaram a pagar importâncias superiores.

— «Quasi isolados lutamos corajosamente pelo eugrandecimento da A. A.»

Isolou-se, isolou-se diga assim, porque...

Na guia 12, última verba, dão-se 50 escudos ao sr. Augusto da Fonseca para ir a Lisboa agradecer o indulto que pediu para si!! E papar jantares em honra da Academia com noticia nos jornais, não? Não comentamos. Perguntamos apenas: que interesse material ou moral adveio para a Associação que justifique esta despêsa.

Entretanto, o saloio era um Catão — um *passaro*.

«Em portugal marcamos um lugar de destaque que poderá ficar como alguma coisa de grandiosa que marque a nossa passagem por esta gloriosa universidade».

Não há dúvida. O jantar dos jornalistas... etc, etc. Já Herculano dizia:

«*Orgulho humano, qual és tu mais — feroz, estúpido ou ridiculo?*»

Trapos: — idas vindas, dias por Lisboa; representação da Associação, pela abertura d'aulas, agradecendo os 100 contos; o primeiro número; prejuizos dêste tomo e mais papelosas, eleições, etc. — andam para cima de *mil escudos* — gastos na defeza dos interesses da Associação e portanto da... briosas.

São trapos da *opa* que alguns incompetentes vestiram com a aclamação numas eleições extraordinárias — defeza dos 100 contos — e em que eu embrulho as canellas, com muita canceira e tempo perdido.

* CAMILO VALENTE.

— É pelo exercício consciante e repetido da vontade que se forma o *character*. A enêrcia da vontade, é um dos nossos grandes males; é forçoso reagir contra êle. Criemos *vontade* e orientemo-la *na direcção do bem* — do DR. TEIXEIRA BASTOS.

O Ovo de Colombo...

